



*Campus Universitário de Almada
Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada*

Preditores Psicossociais da Perceção do Clima Socio-Emocional

Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Radjon Rodrigues Haque, 2022105895

Orientadora: Professora Doutora Helena Vinagre

Coorientadora: Professora Doutora Cristina de Sousa

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

**Almada
2023/2024**

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DE CÓPIA

O Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Radjon Rodrigues Haque, declaro ser autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a realização desta dissertação e a todos aqueles que fizeram parte da minha vida pessoal e académica ao longo destes últimos cinco anos.

RESUMO

O contexto sociopolítico brasileiro, marcado por corrupção, crises e desigualdade, aumenta o *stress*, a ansiedade e a desconfiança nas instituições, comprometendo a coesão social, torna pertinente a análise e compreensão do clima emocional para promover a transformação social no país. Assim, os objetivos do presente estudo pretendem avaliar o clima socioemocional brasileiro, a relação deste com variáveis psicossociais e o poder preditivo dessas variáveis na percepção do clima emocional. Com um desenho de estudo correlacional e através da técnica de amostragem não probabilística, nomeadamente de conveniência e bola de neve, obteve-se uma amostra de 506 indivíduos, 374 do sexo feminino e 133 do sexo masculino (idade \bar{X} = 44.96 ± 14.88 anos). Foi aplicado um protocolo onde constava o questionário sociodemográfico e as seguintes escalas: Clima Emocional (Páez et al., 1997); Ansiedade, Depressão e Stress - 21 itens (Lovibond & Lovibond, 1995); Coping Resiliente, versão breve (Sinclair & Wallston, 2004); Satisfação com a Vida (Zabriskie & McCormick, 2003); Ameaça Financeira (Marjanovic et al., 2013); e Bem-Estar Financeiro (Norvilitis et al., 2003). Os resultados demonstram uma prevalência da percepção de Clima Emocional Negativo em relação ao Clima Emocional Positivo, apresentando correlações significativas nas direções esperadas. Além disso, indicam que o Stress e a Ameaça Financeira são preditores do Clima Emocional Negativo, enquanto o Coping Resiliente e a Percepção da Situação Económica do País atuam como preditores do Clima Emocional Positivo. O presente estudo sugere que o clima emocional no Brasil é afetado por condições socioeconómicas instáveis, com emoções negativas predominando em contextos de incerteza e vulnerabilidade, o que reforça a necessidade de políticas que promovam segurança emocional e coesão social. As limitações do estudo, como a representatividade da amostra, apontam para a importância de futuras investigações que explorem dinâmicas emocionais em diversos contextos.

Palavras-chave: Clima Emocional; Variáveis Psicossociais; Contexto sociopolítico brasileiro

ABSTRACT

The Brazilian sociopolitical context, marked by corruption, crises, and inequality, increases stress, anxiety, and distrust in institutions, compromising social cohesion, making the analysis and understanding of the emotional climate pertinent for promoting social transformation in the country. Thus, the objectives of this study aim to evaluate the Brazilian socio-emotional climate, its relationship with psychosocial variables, and the predictive power of these variables on the perception of the emotional climate. Using a correlational study design and through non-probabilistic sampling techniques, specifically convenience and snowball sampling, a sample of 506 individuals was obtained, comprising 374 females and 133 males (age $\bar{X} = 44.96 \pm 14.88$ years). A protocol was applied that included a sociodemographic questionnaire and the following scales: Emotional Climate (Páez et al., 1997); Anxiety, Depression, and Stress 21-Item (Lovibond & Lovibond, 1995); Resilient Coping, brief version (Sinclair & Wallston, 2004); Life Satisfaction (Zabriskie & McCormick, 2003); Financial Threat (Marjanovic et al., 2013); and Financial Well-Being (Norvilitis et al., 2003). The results demonstrate a prevalence of the perception of Negative Emotional Climate over Positive Emotional Climate, presenting significant correlations in the expected directions. Additionally, they indicate that Stress and Financial Threat are predictors of Negative Emotional Climate, while Resilient Coping and Perception of the Country's Economic Situation act as predictors of Positive Emotional Climate. This study suggests that the emotional climate in Brazil is affected by unstable socioeconomic conditions, with negative emotions prevailing in contexts of uncertainty and vulnerability, reinforcing the need for policies that promote emotional security and social cohesion. The limitations of the study, such as the representativeness of the sample, point to the importance of future investigations that explore emotional dynamics in diverse contexts.

Keywords: Emotional Climate; Psychosocial Variables; Brazilian Sociopolitical Context

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Revisão da Literatura	3
<i>Contexto sociopolítico</i>	3
<i>Clima emocional</i>	5
<i>Clima Emocional Negativo e Positivo</i>	10
Objetivos	14
Hipóteses	16
ARTIGO CIENTÍFICO	17
RESUMO	17
ABSTRACT	18
Introdução	19
Método	22
Participantes	22
Instrumentos	24
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	24
<i>Clima Emocional</i>	24
<i>Stress, Ansiedade e Depressão</i>	24
<i>Coping Resiliente</i>	25
<i>Satisfação com a Vida</i>	25
<i>Ameaça Financeira</i>	25
<i>Bem-Estar Financeiro</i>	26
Procedimento	27
Análise de dados	28
Resultados	29
Análise Descritiva das Escalas e Confiabilidade	29
Verificação da H1	31
Correlações (Verificação da H2, H3, H4, H5)	32
Testes aos Modelos de Regressão Linear (Verificação da H6 e H7)	34
Discussão de Resultados	37
Implicações Teóricas e Práticas	41
Limitações do Estudo e Direções Futuras	42

Conclusão	43
Referências Bibliográficas	45
ANEXOS	60
Consentimento Informado	60
Protocolo do Questionário	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Modelo de Investigação, Hipóteses 2, 3, 4, 5	15
Figura 2 Modelo de Investigação, Hipóteses 6 e 7	15

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Estatística descritiva dos dados sociodemográficos	22
Tabela 2 Matriz de construtos.....	26
Tabela 3 T-Student para amostras emparelhadas (Clima Emocional Positivo e Clima emocional Negativo)	32
Tabela 4 Análise descritiva das escalas, coeficientes de correlação de Pearson e confiabilidade	34
Tabela 5 Resultados das Regressões do Modelo 1 e 2.....	36

INTRODUÇÃO

O clima emocional coletivo tem recebido crescente atenção no campo da psicologia social, especialmente em contextos de instabilidade socioeconômica. Este conceito refere-se às emoções partilhadas por uma comunidade ou sociedade, influenciadas por eventos e condições externas, como crises econômicas, políticas de austeridade e mudanças sociopolíticas (Páez et al., 1997). Compreender o clima emocional é crucial, pois afeta o bem-estar psicológico individual e coletivo, a coesão social e as dinâmicas interpessoais. Este estudo foca-se no Brasil, um país com uma história recente marcada por instabilidade econômica e social, para investigar como as emoções resultantes dessas condições influenciam o clima emocional dos seus habitantes.

O Brasil, nas últimas décadas, tem enfrentado diversos desafios econômicos e sociais, incluindo recessões econômicas, corrupção política e desigualdade social (Reis & Lopez, 2024; Saad-Filho & Boffo, 2021). Estas condições criam um ambiente de incerteza e insegurança que pode influenciar negativamente o clima emocional coletivo. Estudos anteriores indicam que, em situações de adversidade socioeconômica, as emoções negativas, como ansiedade e desesperança, tendem a prevalecer (de Sousa et al., 2021; Páez et al., 2013). A relevância deste tema reside na necessidade de compreender como é que o impacto destas condições macroeconômicas e sociais na saúde mental da população, influenciam a percepção do clima emocional do país

Estudos, como os de Sousa et al. (2021), destacam a importância das relações entre variáveis psicossociais e o clima emocional para o desenvolvimento de políticas públicas que visem fortalecer o bem-estar social e a coesão comunitária. Compreende-se assim que explorar a influência dessas variáveis no clima emocional no contexto brasileiro pode oferecer insights valiosos para a formulação de políticas que favoreçam o bem-estar coletivo. Desta forma, o presente estudo propõe-se a contribuir para a literatura existente ao explorar como as variáveis psicossociais impactam o clima emocional no Brasil, pois, embora a literatura atual já tenha evidenciado correlações entre essas variáveis e o clima emocional, existe uma lacuna de estudos que investiguem a influência direta dessas variáveis nos climas emocionais positivo e negativo.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar as relações e o poder preditivo das variáveis psicossociais na percepção do clima emocional no contexto brasileiro. Os objetivos específicos incluem avaliar o clima socioemocional no Brasil; analisar as relações entre as dimensões positiva e negativa do clima emocional e fatores como o *stress*, ansiedade,

depressão, satisfação com a vida, *coping* resiliente, ameaça financeira, bem-estar financeiro e percepção da situação económica do país; e identificar os preditores psicossociais da percepção do clima socioemocional, tanto negativo como positivo. Embora a literatura indique a existência dessas correlações, como por exemplo, a percepção de ameaças financeiras e instabilidade económica estar associada a um aumento das emoções negativas (Catalano et al., 2011; Mabkhot & Al-Wesabi, 2022), ainda existe uma lacuna na literatura sobre como estas variáveis psicossociais têm uma capacidade preditiva no tipo de clima emocional percebido. Sendo o contexto específico brasileiro, caracterizado por desigualdades económicas significativas e uma cultura diversa, a análise dessa capacidade preditiva é de extrema pertinência.

A pertinência deste estudo é reforçada porque pretende conhecer com mais detalhe as dinâmicas emocionais numa das maiores economias emergentes do mundo. Assim, ao explorar as inter-relações entre variáveis psicossociais e o clima emocional, o estudo pretende contribuir para a formulação de políticas públicas que possam melhorar a saúde mental e o bem-estar coletivo. Ao abordar a problemática do estudo no contexto do Brasil, este trabalho contribuirá para a literatura existente, fornecendo dados empíricos que refletem a realidade de uma população diversificada a enfrentar desafios significativos.

Resumindo, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender as complexas relações entre as emoções resultantes de condições socioeconómicas adversas e o clima emocional coletivo no Brasil. A problemática do estudo centra-se nas relações entre variáveis psicossociais e o clima emocional, oferecendo uma análise aprofundada que pode ser fundamental para delinear intervenções futuras. Desta forma, a pertinência do estudo reside na contribuição potencial para a formulação de políticas públicas e estratégias de intervenção que promovam um clima emocional mais positivo, melhorando o bem-estar coletivo e individual. Ao explorar estas dinâmicas no contexto brasileiro, o estudo desenvolve conhecimento sobre a área e oferece uma base para futuras pesquisas e práticas.

A presente dissertação estará organizada da seguinte forma, primeiro, com uma revisão alargada de literatura, seguida dos objetivos gerais e específicos do estudo. Posteriormente é apresentado o artigo científico onde será explicitado o seguinte: o método, com os respetivos procedimentos, instrumentos de medida usados e caracterização da amostra; os resultados, com a uma descrição detalhada de cada etapa das análises realizadas; a discussão de resultados, onde se relacionará os resultados obtidos com a literatura existente e uma breve apresentação de implicações do estudo e indicações para estudos futuros; a conclusão, que resumirá os

principais resultados e implicações; e finalizamos com as referências bibliográficas e os anexos respetivos ao documento.

Revisão da Literatura

Contexto sociopolítico

O panorama sociopolítico no Brasil reflete uma complexa interação entre fatores económicos, políticos e sociais, que influencia profundamente o estado emocional da população. A corrupção, um problema generalizado na América Latina (Moisés, 2010), tem-se destacado no Brasil, particularmente através de escândalos de grande visibilidade, que abalam a confiança nas instituições (Reis & Lopez, 2024; Rothstein, 2017). Este contexto agrava problemas de saúde mental entre os cidadãos, aumentando a incidência de *stress* (Gillanders, 2016; van Deurzen, 2017), ansiedade (Anyan et al., 2024; Gillanders, 2016) e depressão (Anyan et al., 2024; Zhang, 2022).

Crises políticas e económicas, como as acusações de corrupção que surgiram durante o governo de Lula em 2005 (Moisés, 2010) e a destituição de Dilma Rousseff em 2016 (Filho & Terra, 2023), geraram uma desconfiança generalizada nas lideranças políticas, exacerbando a insegurança social e económica. As mobilizações populares contra a corrupção em 2013 e 2015, seguidas pelo *impeachment* de Dilma, criaram um cenário de polarização política e fragilidade democrática (Saad-Filho & Boffo, 2021). Mesmo com a implementação de políticas de austeridade, a corrupção continuou a crescer, culminando numa emenda constitucional que congelou os gastos do governo por 20 anos (Loureiro & Saad-Filho, 2019; Saad-Filho & Morais, 2018, citados por Saad-Filho & Boffo, 2021). Este contexto abriu caminho para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, que, no meio de uma recessão e aumento da dívida pública, prometeu uma agenda económica liberal. No entanto, as reformas foram limitadas, e a crise da COVID-19 obrigou o Congresso a aprovar um “Orçamento de Guerra” para enfrentar a emergência económica. Em outubro de 2022, Lula voltou a vencer as eleições presidenciais, apesar dos casos de corrupção anteriores, formando uma ampla coligação que derrotou Bolsonaro por uma margem estreita (Filho & Terra, 2023). Estes sucessivos escândalos políticos, mudanças administrativas e crises económicas corroeram a confiança pública, agravaram a insegurança social e económica e reforçaram a perceção de instabilidade nas instituições brasileiras, dificultando a recuperação económica e a coesão social.

No Brasil, a perceção de que a corrupção está profundamente enraizada na política gera um sentimento de impotência entre os cidadãos (Anyan et al., 2024), que frequentemente se

estende às relações interpessoais, alimentando a desconfiança em círculos mais amplos (Reis & Lopez, 2024). Nos resultados do inquérito do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2018, 80% dos entrevistados concordaram que “a maioria dos políticos não se preocupa com as pessoas”, e 81% discordaram de que “a maioria dos políticos é de confiança” (Centro de Estudos de Opinião Pública [CESOP], 2018). Esta falta de confiança prejudica a cooperação e a ação coletiva, essenciais para enfrentar questões sociais. A avaliação negativa das instituições públicas cria um clima de desconfiança que dificulta a resolução colaborativa de problemas, e a corrupção, por sua vez, agrava esta situação ao impedir o acesso justo a recursos e serviços públicos (Reis & Lopez, 2024). Rothstein (2018) descreve esta dinâmica como uma “armadilha social”, que bloqueia a cooperação mesmo perante potenciais ganhos coletivos (Rothstein & Teorell, 2008).

Paralelamente, a precarização económica intensifica as perceções de ameaça financeira, aumentando o *stress* e a ansiedade na população (Stacciarini & Santos, 2024). No Brasil, a insegurança alimentar ilustra bem esta realidade, afetando mais de 70 milhões de brasileiros — um dado paradoxal num dos maiores produtores agrícolas do mundo, que evidencia uma dissonância entre a capacidade produtiva e o bem-estar da população (Stacciarini & Santos, 2024). A perceção de ameaça financeira, agravada pela instabilidade económica e pelo risco de desemprego, leva muitos brasileiros a temerem pela sua segurança financeira e a das suas famílias, intensificando o *stress* e o descontentamento social, ao mesmo tempo que amplia as tensões emocionais e sociais ao criar um clima de incerteza (Reis & Lopez, 2024). Com a intensificação das crises económicas e políticas, a perceção de instabilidade reforça a desconfiança pública, refletida nos índices de confiança extremamente baixos registados pelo Latinobarómetro ao longo de mais de 20 anos (1996-2018), com apenas 7% dos brasileiros a acreditar que “a maioria das pessoas é confiável” (Corporación Latinobarómetro, 2020). Esta baixa confiança indica uma coesão social fragilizada, exacerbada pela polarização política e pela persistente desigualdade económica (Reis & Lopez, 2024). Estas dinâmicas socioeconómicas são também impactadas por crises sanitárias como a pandemia de COVID-19, que desencadeou uma série de desafios emocionais para além das implicações diretas na saúde física. Além das preocupações com a propagação do vírus e o tratamento médico, esta crise sanitária trouxe consequências emocionais profundas, tanto a níveis individuais como coletivos (Pfefferbaum & North, 2020). Medidas de distanciamento social, isolamento, perda de liberdades pessoais, dificuldades financeiras, disseminação de desinformação e incerteza quanto ao desfecho da pandemia contribuíram para um prolongado sofrimento emocional (Masiero et al., 2020; Pfefferbaum & North, 2020). A literatura aponta, assim, para uma ampla

gama de emoções negativas experienciadas pela população, incluindo raiva, *stress*, medo e ansiedade (Bakioğlu et al., 2021; Bao et al., 2020; Hwang et al., 2020; Pakpour & Griffiths, 2020; Pfefferbaum & North, 2020; Sood, 2020).

Estas dinâmicas sociopolíticas evidenciam que as emoções e as relações afetivas são elementos centrais, embora frequentemente negligenciadas, na compreensão do contexto brasileiro. As emoções desempenham um papel significativo na economia política, influenciando a disputa e a apropriação de recursos e moldando a ação coletiva (van Winden, 2015). A crescente polarização e a falta de diálogo reduzem a solidariedade, e preconceitos de classe, raça e gênero manifestam-se de forma evidente (Teixeira, 2020). Estas emoções e percepções não só refletem divisões ideológicas, mas também revelam tensões emocionais que influenciam a coesão social e os resultados das políticas públicas.

Assim, compreender o Clima Emocional revela-se essencial para uma reflexão mais profunda sobre as motivações e tensões que orientam possíveis caminhos de transformação social e democratização no Brasil. Numa sociedade marcada pela polarização e fragmentação, reconhecer o impacto das emoções coletivas é fundamental para interpretar as respostas sociais e políticas aos desafios contemporâneos, apontando para a necessidade de uma abordagem integrada que considere as emoções na dinâmica sociopolítica do país.

Clima emocional

O clima emocional caracteriza-se pela percepção de predominância de certas emoções, sentimentos e juízos em relação à sociedade (Páez et al., 1997). Na teoria sociológica de Kemper (1984), distinguem-se quatro emoções básicas com uma base fisiológica inata: medo, raiva, alegria e tristeza (citado por de Rivera, 1992). Kemper (1984) argumenta que as emoções desempenham uma função social global, promovendo coesão e apego aos valores, facilitando a integração ou diferenciação dentro e entre grupos, podendo ser negativas (como ódio, inveja, ciúmes) ou positivas (como lealdade, orgulho, amor) (citado por de Rivera, 1992). As emoções negativas reforçam certos valores e práticas sociais, onde o “ódio ao inimigo”, por exemplo, fortalece o compromisso com os valores grupais e legítimas práticas discriminatórias, como se observa no ressentimento de alemães e franceses contra imigrantes (Armon-Jones, 1986, citado por de Rivera, 1992).

Com a premissa de que as emoções desempenham uma função social, de Rivera (1992) argumentou que elas não são meras reações individuais, mas também criam um ambiente psicológico coletivo, propondo, assim, o conceito de clima emocional. Ele definiu este fenómeno social como mais estável do que uma emoção coletiva momentânea — designada de

atmosfera emocional — mas menos duradouro do que a “cultura emocional”, que se refere aos padrões afetivos de uma sociedade ao longo de longos períodos históricos. O clima emocional pode ser entendido como uma “personalidade” emocional de uma sociedade, determinando a forma como as pessoas reagem a desafios e influenciando normas e valores sociais. Este clima pode ser associado a um “estado de ânimo coletivo”, no qual certas emoções, como medo, esperança ou hostilidade, predominam e moldam a interação e a percepção de mundo dos indivíduos. O clima emocional é moldado por eventos políticos, económicos e culturais, refletindo a maneira como a sociedade percebe e reage ao seu ambiente (de Rivera, 1992; Steinert, 2020; Verbalyte, 2022). de Rivera (1992) procurou identificar na literatura os diferentes tipos de climas emocionais que emergem nas sociedades, frequentemente relacionados com as suas condições políticas, económicas e culturais. Cada tipo é caracterizado por emoções centrais que influenciam a forma como as sociedades enfrentam desafios e oportunidades.

O clima de medo, por exemplo, é comum em regimes autoritários, onde é fomentado por meio de violência e repressão para manter o controle social (Martin-Baro, 1990, citado por de Rivera, 1992). Em contextos de ditadura, como os de El Salvador, Chile e Argentina, o medo permeia as interações sociais, gerando uma insegurança que desencoraja ações coletivas e leva à aceitação da ordem estabelecida (Adra et al., 2019; Becker et al., 1990, Martin-Baro, 1990, Walter, 1964, citados por de Rivera, 1992).

Em contrapartida, o clima de segurança favorece a confiança e a cooperação entre os indivíduos (Benedict, 1970; Maslow, 1971, citados por de Rivera, 1992). Nesse ambiente, as pessoas sentem-se apoiadas nas suas comunidades e instituições, o que incentiva comportamentos generosos. Este clima tende a surgir em sociedades onde o poder e a riqueza são distribuídos de forma equitativa, e as instituições são robustas e legítimas (de Rivera, 1992). Nesse sentido, Witt e Schwesinger (2013) destacaram que o igualitarismo favorece a cooperação, ressaltando a importância da igualdade na construção de relações sociais sólidas. O estudo de Cozzolino (2011) também revela que, em sociedades ocidentais modernas, a igualdade de recursos está positivamente associada à confiança e à colaboração.

Por outro lado, de Rivera (1992) expõe que o clima de instabilidade é caracterizado por altos níveis de ansiedade e incerteza, especialmente em períodos de crises políticas ou económicas. Essa imprevisibilidade mina a confiança nas instituições e dificulta o planeamento da vida, gerando polarização entre aqueles que desejam mudanças radicais e os que temem transformações (Katona, 1979, citado por de Rivera, 1992; Kesner & Horáček, 2022).

O clima de confiança é outro aspecto significativo, caracterizado por otimismo e expectativas positivas, especialmente em relação à economia (de Rivera, 1992). Durante períodos de crescimento, as pessoas acreditam no progresso, o que estimula o consumo e o investimento, promovendo um individualismo saudável sem gerar tensões entre grupos sociais (Bensman & Vidich, 1971, citados por de Rivera, 1992; Smilansky, 2021). Em contrapartida, a satisfação e a insatisfação no clima emocional de uma sociedade estão intimamente ligadas às aspirações das pessoas (de Rivera, 1992). Um clima de satisfação emerge quando as pessoas se sentem realizadas, enquanto a insatisfação surge quando há uma disparidade significativa entre aspirações e realidade, frequentemente resultando em conflitos sociais e aumento de movimentos de protesto (Bensman & Vidich, 1971, citados por de Rivera, 1992; de Rivera & Páez, 2007; Páez et al., 2011).

O clima de hostilidade manifesta-se quando grupos se sentem marginalizados ou ameaçados, emergindo como uma reação a ameaças percebidas à identidade ou ao bem-estar (Kelly, 1965, citado por de Rivera, 1992). Essa hostilidade pode exacerbar confrontos entre grupos e aumentar a discriminação, prejudicando a coesão social (de Rivera, 1992). Em momentos de crise, destaca-se um clima de solidariedade, caracterizado por uma sensação de interdependência e disposição para o sacrifício em prol do bem comum (Staub, 1990, citado por de Rivera, 1992).

O clima de solidariedade emerge quando as pessoas se percebem como partes interdependentes de algo maior, gerando uma disposição para o sacrifício pelo bem comum e orgulho por essas ações (de Rivera, 1992). Williamson (1989) observa que essa sensação esteve presente no Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, superando temporariamente os conflitos de classe e promovendo a atenção às necessidades dos outros (citado por de Rivera, 1992). Esse clima é frequentemente crucial para grandes esforços nacionais, mas é difícil de manter a longo prazo. Kennon (1960) observa que, após períodos intensos de sacrifício, como a Revolução Russa, a exaustão e o desejo de retornar à vida cotidiana sobrepõem-se ao espírito de sacrifício, evidenciando que, tanto a nível individual quanto coletivo, o heroísmo tem limites (citado por de Rivera, 1992). Embora efêmero, o clima de solidariedade é fundamental para a unidade nacional em tempos de ameaça e está interligado aos climas de esperança (de Rivera, 1992; de Rivera & Páez, 2007; Páez et al., 2011).

Por fim, o clima de esperança surge quando há uma expectativa coletiva de que os ideais e valores de uma sociedade podem ser alcançados, mesmo diante de dificuldades (de Rivera, 1992). A esperança é vital para manter a moral da nação e incentivar esforços coletivos (Lewin, 1948 citado por de Rivera, 1992; Alanko, 2023). No entanto, se não estiver fundamentada numa

avaliação realista das circunstâncias, essa esperança pode rapidamente se transformar em desilusão (Lewin, 1948 citado por de Rivera, 1992).

Em suma, o clima emocional é um fenômeno complexo e dinâmico que desempenha um papel crucial na formação da interação social e na forma como as sociedades enfrentam os seus desafios (de Rivera, 1992; Páez et al., 2011). A análise dos diferentes tipos de clima emocional proporciona uma compreensão mais profunda das relações sociais e da dinâmica coletiva que molda a vida em comunidade.

Após de Rivera ter identificado os principais tipos de clima emocional, o psicólogo Darío Páez aprofunda esse conceito ao elaborar uma definição mais abrangente e operacional, sustentada por uma escala específica para a avaliação desse clima, a Escala do Clima Emocional. Para Páez et al. (1997), o clima emocional não se limita à soma das emoções individuais, mas é uma “atmosfera afetiva coletiva” que abrange um conjunto estruturado de percepções e sentimentos compartilhados entre os membros de um grupo, comunidade ou sociedade. Páez et al. (1997) descrevem o clima emocional como um “estado de ânimo coletivo”, caracterizado pela predominância de certas emoções, pela percepção do ambiente social, por representações sociais e crenças compartilhadas, e pelas tendências de ação e interação social. Em primeiro lugar, a predominância de emoções como alegria, raiva, tristeza ou medo molda a experiência dos indivíduos dentro de um grupo (Lee et al., 2022; Witkower et al., 2020; Wunderlich et al., 2022). Por exemplo, numa sociedade onde predominam sentimentos de esperança e confiança, o clima tende a ser mais positivo e proativo em relação ao futuro e ao progresso coletivo (Bury et al., 2020). Em segundo lugar, o clima emocional é influenciado pela interpretação compartilhada do ambiente social, onde a sociedade pode ser vista de forma otimista ou pessimista, solidária ou egoísta. Essa percepção inclui visões sobre as instituições, que podem ser consideradas confiáveis ou não, e expectativas sobre o futuro, que podem ser esperançosas ou desprovidas de esperança. Assim, a maneira como um grupo percebe a sua envolvente e as suas expectativas influencia diretamente o clima emocional predominante (Páez et al., 1997). Além disso, o clima emocional envolve crenças e representações sociais que expressam como o grupo percebe o seu contexto (Páez et al., 1997). Portanto, o clima emocional não se resume apenas a sentimentos, mas também abrange valores e crenças fundamentais que sustentam a interação social. Por fim, o clima emocional também afeta as tendências de ação nas interações sociais; as emoções dominantes dentro de um grupo moldam a forma como os seus membros interagem (Páez et al., 1997). Um clima emocional positivo, caracterizado por emoções como confiança e esperança, tende a promover a cooperação (Cohen, 2022; Griessmair & Hippmann, 2022; Nunney, 2022), enquanto um

clima negativo, marcado por medo e desconfiança, pode resultar em comportamentos defensivos ou cautelosos (Chierchia et al., 2021; Griessmair & Hippmann, 2022; Nguyen & Noussair, 2022). Páez et al. (1997) também destacam a diferença entre emoções individuais e emoções sociotrópicas, que se referem à experiência e expectativas coletivas. Para os autores, o clima emocional incorpora principalmente essas emoções sociotrópicas, que refletem os julgamentos e sentimentos de um grupo sobre a sua condição social e a sua posição em relação aos outros. Estudos no campo da participação sociopolítica revelam que as emoções sociotrópicas, como a percepção de injustiça coletiva, têm um impacto maior na disposição para a mobilização social do que as emoções individuais (Hartwich, 2022; Páez et al., 1997). Por exemplo, a privação relativa de um grupo, ou a percepção de que o grupo de pertença possui menos do que deveria, frequentemente gera raiva e motiva a ação política coletiva, ao contrário da privação individual, que tende a provocar reações menos mobilizadoras (Fink & Uhan, 2021; Lalot, 2023; Páez et al., 1997; Power et al., 2020). Assim, a percepção de injustiça em relação ao grupo de pertença e a identificação com os objetivos coletivos são preditores mais fortes de envolvimento sociopolítico do que os sentimentos e expectativas pessoais (Páez et al., 1997).

Com o panorama apresentado por Páez et al. (1997), compreende-se que o clima emocional é um constructo macropsicológico, ou seja, uma característica do coletivo que transcende a soma das emoções individuais. Na análise do clima emocional como um construto coletivo, encontram-se duas tradições teóricas opostas: a abordagem objetivista, que considera o clima emocional um indicador objetivo, passível de ser medido por dados e estruturas observáveis, como políticas institucionais, economia e distribuição de recursos, que influenciam as emoções coletivas; e a abordagem subjetivista, que vê o clima emocional como uma construção baseada no consenso das percepções individuais, onde o clima emocional é determinado pela interpretação e partilha coletiva das percepções e crenças (Páez et al., 1997). Assim, o clima emocional, ao ser um indicador macropsicológico, representa a soma das emoções e percepções que se tornam dominantes dentro de um grupo homogêneo, refletindo-se nas suas interações e relações sociais (Páez et al., 1997).

Em suma, a presente revisão bibliográfica revela que, ao unir as emoções básicas a representações partilhadas sobre o futuro e a ordem social, o clima emocional exerce uma função reguladora no grupo ou na sociedade como um todo. Desta forma, o estado emocional dominante numa sociedade pode tanto incentivar, quanto limitar a ação coletiva. Em contextos de otimismo e coesão, o clima emocional pode reforçar o envolvimento cívico e a colaboração social, enquanto um clima de medo e desconfiança pode inibir a participação e gerar

isolamento. Assim, o clima emocional não apenas reflete, mas também molda as práticas e comportamentos sociais, atuando como um fator influente nas dinâmicas sociais e na manutenção ou mudança da ordem estabelecida. Desta maneira, o conceito de clima emocional de Páez et al. (1997) amplia e aprofunda o modelo do autor de Rivera (1992), integrando tanto as emoções e percepções coletivas, quanto a sua função reguladora, formando uma lente poderosa para entender a conexão entre as emoções individuais e a ação social coletiva, através de duas dimensões: o clima emocional positivo e o clima emocional negativo.

Clima Emocional Negativo e Positivo

O clima emocional negativo é determinado principalmente por problemas sociais, conflitos e *stress* coletivo, enquanto o clima emocional positivo está principalmente associado ao apoio social, à resolução de problemas sociais, à participação em comportamentos altruístas e a formas coletivas construtivas de enfrentamento (Páez et al., 2013).

Têm sido conduzidos vários estudos sobre os níveis de clima emocional positivo e negativo em diferentes países. Por exemplo, no estudo de Páez et al. (2011), Madrid e a Comunidade Autónoma do País Basco apresentam médias semelhantes e mais baixas no clima socioemocional negativo, enquanto Brasil e Chile revelam claramente médias mais altas. No que diz respeito ao clima socioemocional positivo, os madrilenos e os bascos-navarros apresentam médias significativamente mais altas em comparação com Brasil e Chile. Numa investigação realizada na Argentina, com uma amostra de portenhos, os participantes demonstraram uma percepção de clima emocional negativo superior ao clima emocional positivo (Zubieta et al., 2008). De igual forma, numa amostra portuguesa, o estudo de Sousa et al. (2021) e, numa amostra mexicana, o estudo de Hernández et al. (2015) também revelaram uma percepção superior de clima emocional negativo.

Os estudos mencionados basearam-se na escala de Páez para o clima emocional; no entanto, o estudo de Krys et al. (2021), que procurou medir o clima emocional apenas através de emoções individuais, ignorando as emoções sociotrópicas conforme explicado por Páez et al. (1997), demonstrou resultados na direção oposta. Com uma amostra multicultural de 49 países, incluindo os anteriormente referidos, os resultados deste estudo indicam, sem exceção, uma predominância de percepções de emoções positivas sobre as negativas, independentemente do país em questão. Esta contradição de resultados parece apoiar o argumento de Páez et al. (1997) de que, para compreender o clima emocional, é necessário um conjunto de medidas que vão além das emoções individuais, uma vez que os estudos que se fundamentam na sua definição e instrumentalização do clima emocional apresentam uma maior profundidade na

relação entre fatores e o panorama social percebido. O estudo de Fernández-Dols et al. (2007) reforça este argumento, mostrando que, numa amostra de 12 países, o clima emocional está relacionado não a episódios individuais de medo, tristeza ou alegria, mas sim ao grau em que as convenções emocionais e sociais de um país influenciam o uso de palavras emocionais no discurso quotidiano. A literatura também indica que o clima positivo está negativamente relacionado à percepção de problemas sociais e positivamente relacionado à confiança nas instituições, que, por sua vez, possui uma relação negativa com a identificação de problemas sociais (Hernández et al., 2015).

Outros estudos têm relacionado o clima socioemocional com variáveis psicossociais. Por exemplo, o estudo dos autores de Sousa et al. (2021) apresenta evidências estatísticas de uma correlação positiva entre o clima emocional positivo e a satisfação com a vida, bem como entre o clima emocional negativo e níveis de *stress*, ansiedade e depressão. Ao considerar a interligação do clima emocional com variáveis psicológicas, e tendo em conta a literatura exposta, percebe-se como o clima socioemocional pode atenuar ou intensificar essas experiências individuais. Estes estados emocionais e as reações à situação económica e social do Brasil configuram um ciclo de retroalimentação: enquanto o clima emocional afeta diretamente o bem-estar e as estratégias de enfrentamento dos indivíduos, as respostas emocionais e comportamentais desses indivíduos, por sua vez, reforçam ou desafiam o clima predominante (Páez et al., 1997, 2013).

Os conceitos de ansiedade, depressão e *stress* referem-se a um conjunto de sentimentos e emoções que afetam amplamente o ser humano (Graeff & Hetem, 2004). Embora ansiedade e depressão sejam distintas em termos conceptuais, existe uma considerável sobreposição entre ambas, o que dificulta a sua diferenciação empírica (Lovibond & Lovibond, 1995a; Watson et al., 1995a,b). Clark e Watson (1991) observam que a ansiedade e a depressão partilham características comuns, mas também apresentam sintomas específicos, categorizados como “afeto negativo”. A ansiedade é marcada pela hiperativação fisiológica, com sintomas como aceleração cardíaca, sudação nas mãos e boca seca (Watson et al., 1995a,b), além de incluir a consciência dos sentimentos ansiosos, tendências de fuga e sinais físicos de agitação (Lovibond & Lovibond, 1995b). A depressão caracteriza-se pela falta de afeto positivo, ou seja, pela incapacidade de sentir prazer, e inclui sintomas específicos como desespero, desvalorização da vida, auto-depreciação e anedonia, ou perda de interesse em atividades anteriormente prazerosas (Lovibond & Lovibond, 1995b). Em contextos de elevada pressão e insegurança coletiva, como nas crises económicas, contribuem para o aumento das taxas de ansiedade, depressão e outros distúrbios do humor (Martín-Carrasco et al., 2016; Mucci et al., 2016),

surgindo como fatores de *stress* significativos que impactam negativamente a saúde mental (Viseu et al., 2018). O *stress* é uma síndrome emocional distinta, caracterizada por tensão, dificuldade em relaxar, impaciência, irritabilidade e agitação, fortemente associada à preocupação excessiva e a perturbações como a ansiedade generalizada (Brown et al., 1997; Lovibond & Lovibond, 1995b). O Modelo Transacional de *Stress* e *Coping* de Lazarus e Folkman (1984) amplia a definição descrevendo o *stress* como uma relação entre o indivíduo e o ambiente, percebida como uma ameaça aos seus recursos e bem-estar. Este processo ocorre em duas etapas: a primeira, avaliação cognitiva, em que a pessoa interpreta a situação como ameaça, desafio ou perda, influenciando a sua resposta emocional e cognitiva; e a segunda, o *coping*, que envolve esforços cognitivos e comportamentais para lidar com exigências internas ou externas percebidas como superiores aos recursos disponíveis (Folkman, 1984; Folkman & Lazarus, 1984). A resiliência, em contraste, é uma capacidade de adaptação positiva em situações de adversidade significativa (Dyer & McGuinness, 1996, citados por Sinclair & Wallston, 2004; Luthar et al., 2000), que permite que o indivíduo não apenas enfrente, mas evolua e se fortaleça perante desafios difíceis (Richardson, 2002). Embora o *coping* descreva uma abordagem dentro do processo de resiliência, os dois conceitos não são a mesma coisa, existindo uma diferença fundamental: o *coping* é uma resposta específica e momentânea ao *stress*, ajustada à avaliação do indivíduo sobre a situação, enquanto a resiliência é um processo contínuo que permite à pessoa desenvolver-se e fortalecer os seus recursos em condições adversas (Sinclair & Wallston, 2004). Neste sentido, o *coping* resiliente é uma forma de *coping* que promove uma adaptação positiva, mesmo em condições de elevado *stress*, capacitando o indivíduo a enfrentar adversidades e, ao mesmo tempo, a evoluir diante delas (Sinclair & Wallston, 2004). Ou seja, o *coping* resiliente refere-se às estratégias adaptativas que as pessoas utilizam para enfrentar situações adversas, mantendo não apenas a capacidade de resposta, mas também a habilidade de aprendizagem e crescimento a partir de experiências negativas.

Dando continuidade à discussão sobre o impacto das emoções coletivas, é importante considerar como a satisfação com a vida influencia o clima emocional dentro de um grupo. A satisfação com a vida é um dos principais componentes do bem-estar subjetivo, definida como um processo cognitivo e crítico (Diener et al., 1985), pelo qual o indivíduo realiza uma avaliação global da qualidade da sua vida com base nos seus próprios critérios (Shin & Johnson, 1978, citados por Diener et al., 1985). Assim, a satisfação depende da comparação entre as circunstâncias vividas e o padrão que cada pessoa considera adequado. Esse padrão é definido pelo próprio indivíduo, sem imposições externas, o que destaca o carácter subjetivo deste julgamento (Diener et al., 1985). Embora a satisfação com a vida seja considerada estável em

circunstâncias inalteradas, ela pode ser sensível a mudanças nas condições de vida (Diener et al., 2013). Este componente cognitivo e avaliativo pode desempenhar um papel crucial na formação do clima emocional dentro de um grupo ou comunidade. Quando os indivíduos se sentem satisfeitos com as suas vidas, tendem a contribuir para um ambiente social mais positivo e colaborativo, criando uma atmosfera de apoio e solidariedade (Hadi & Hamdi, 2023; Lu et al., 2020). Em contrapartida, quando a satisfação com a vida é baixa, pode influenciar a percepção de um clima emocional negativo. Nesses casos, a falta de realização e a desmotivação podem levar à desconfiança e ao pessimismo entre os membros do grupo, afetando as suas interações e a percepção do ambiente social (Jeong & Korsgaard, 2021; Schunk & DiBenedetto, 2020; Tanaka, 2021).

A análise da inter-relação entre fatores emocionais e percepções de bem-estar leva-nos a considerar a ameaça financeira como um elemento crucial que impacta negativamente o clima emocional. A ameaça financeira é uma forma de avaliação de *stress* que surge quando os indivíduos sentem medo e incerteza em relação à sua estabilidade financeira, geralmente desencadeada por eventos como perda de rendimento ou aumento das dívidas. Este sentimento de insegurança perturba o equilíbrio entre rendimentos e despesas, constituindo uma séria ameaça ao bem-estar (Marjanovic et al., 2013, 2015). Esse sentimento de vulnerabilidade gera um medo constante, que se intensifica num clima marcado por incerteza e pessimismo (de Rivera, 1992). Estudos como os de Fiksenbaum et al. (2017) revelaram que fatores de *stress* económico, como a dificuldade financeira e a ameaça financeira, estão positivamente associados à ideação suicida, sendo a ameaça financeira um preditor significativo do sofrimento psicológico. Em Portugal, pesquisas (e.g., Jesus et al., 2016; Viseu et al., 2015; Viseu et al., 2018) corroboraram essa relação, indicando que os fatores de *stress* económico estabelecem uma ligação positiva com resultados psicológicos negativos. Assim, compreende-se que a ameaça financeira afeta o bem-estar individual, podendo também contribuir para um clima emocional negativo em grupos e comunidades. Por outro lado, o bem-estar financeiro, definido como a percepção de ter capacidade para manter o padrão de vida desejado, tanto no presente quanto no futuro, com autonomia financeira (Brüggen et al., 2017), está relacionado positivamente com variáveis de bem-estar e satisfação com a vida (Foong, 2021; Viseu et al., 2015).

A análise do clima emocional e a sua inter-relação com variáveis psicossociais aqui explanadas, como *stress*, ansiedade, depressão, *coping* resiliente, satisfação com a vida e percepção financeira (tais como percepção da situação económica do país, bem-estar financeiro e ameaça financeira), destaca a sua função reguladora fundamental na dinâmica do bem-estar

individual e coletivo. Pois, como vimos, o clima emocional não é apenas um reflexo das emoções individuais, mas sim um fenômeno coletivo que molda comportamentos sociais e a qualidade das interações dentro de grupos e comunidades.

Os resultados dos estudos realizados, como o de Sousa et al. (2021), evidenciam a importância de compreender as correlações entre o clima emocional e variáveis psicossociais, ressaltando que essas relações são cruciais para o desenvolvimento de estratégias que promovam a coesão social e o bem-estar. Diante disso, o presente estudo propõe-se a contribuir para a literatura existente, explorando como as variáveis discutidas impactam a configuração do clima emocional no Brasil, pois, embora a literatura, até à data, apresente evidências estatísticas de correlações entre variáveis psicossociais e o clima emocional, há uma lacuna de estudos que explorem a influência direta dessas variáveis nos dois tipos de clima emocional. Ao fazê-lo, esperamos que seja possível tanto identificar as barreiras e os fatores facilitadores de um clima socioemocional positivo, como também promover uma reflexão sobre as políticas e práticas que podem ser implementadas para fomentar esse clima.

Objetivos

Objetivo geral:

O objetivo geral deste estudo é analisar as relações e o poder preditivo das variáveis psicossociais na percepção do clima emocional, tanto positivo como negativo, no contexto brasileiro.

Objetivos específicos: 1) avaliar o Clima Socio-Emocional no contexto brasileiro; 2) analisar as relações entre as dimensões positiva e negativa do Clima Emocional com diversos fatores, nomeadamente os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão, Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Ameaça Financeira, Bem-Estar Financeiro e Percepção da Situação Económica do País; 3) identificar os Preditores Psicossociais da Percepção do Clima Socio-Emocional, quer seja este de natureza negativa ou positiva.

Decorrente dos objetivos propostos, apresenta-se os seguintes modelos de investigação (Figura 1 e 2).

Figura 1

Modelo de Investigação, Hipóteses 2, 3, 4, 5

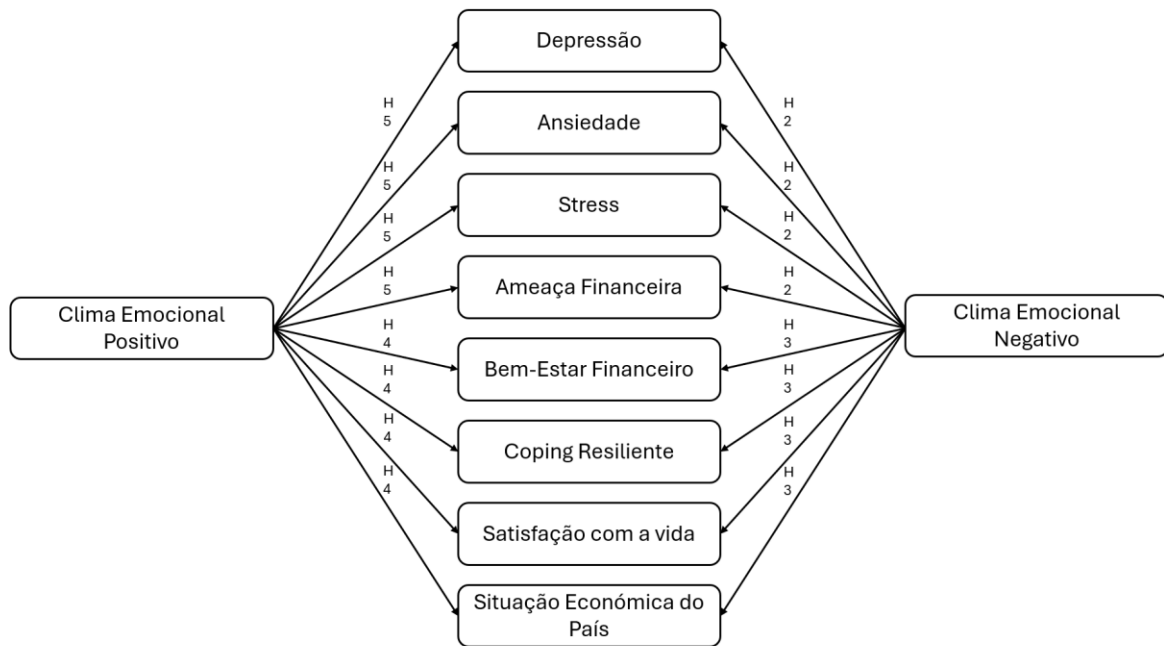
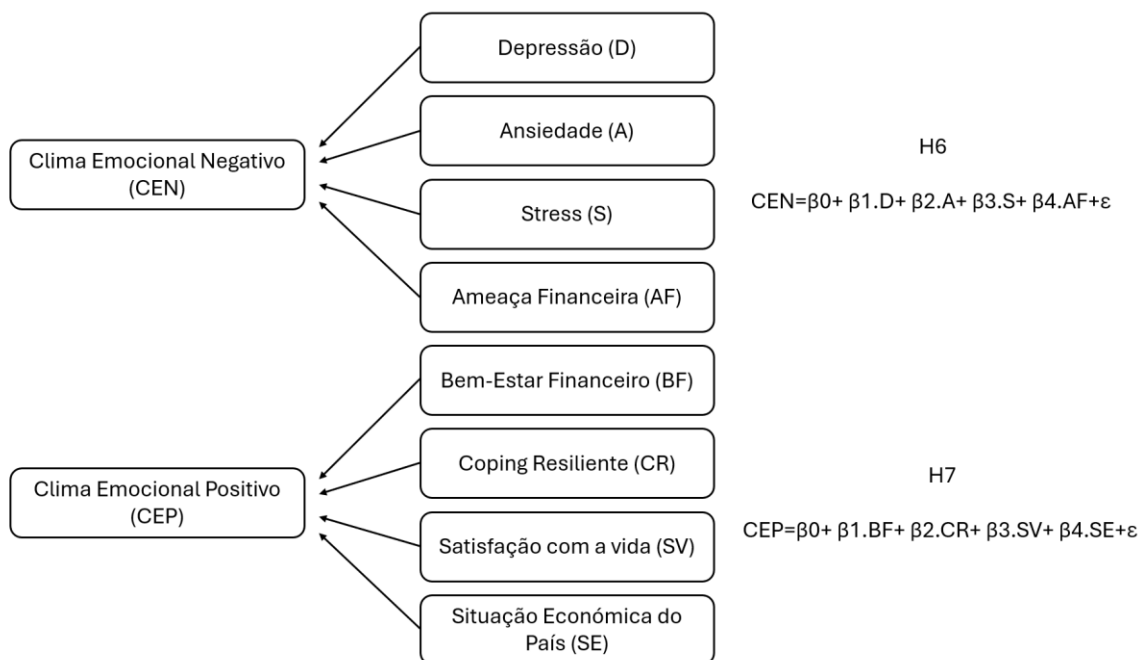


Figura 2

Modelo de Investigação, Hipóteses 6 e 7



Hipóteses

Para dar resposta aos objetivos descritos, foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1: Espera-se que a dimensão do Clima Emocional Negativo seja estatisticamente superior à dimensão do Clima Emocional Positivo.

H2: Espera-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira.

H3: Espera-se uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar Financeiro e Perceção da Situação Económica do País.

H4: Espera-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar Financeiro e Perceção da Situação Económica do País.

H5: Espera-se uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira.

H6: Espera-se que as variáveis Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira sejam preditoras da perceção do Clima Emocional Negativo.

H7: Espera-se que as variáveis Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar financeiro e Perceção da Situação Económica do País, sejam preditoras da perceção do Clima Emocional Positivo.

ARTIGO CIENTÍFICO

Preditores Psicossociais da Percepção do Clima Socio-Emocional

Radjon Haque [1], Helena Vinagre [2], Cristina de Sousa [3]

[1] ISEIT Almada, Instituto Piaget.

radjonrodrigues@gmail.com

[2] ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

ISEIT Almada, Instituto Piaget.

helenavinagre@gmail.com

[3] Escola Superior de Saúde Atlântica - Atlântica Instituto Universitário

c.m.sousa@netcabo.pt

RESUMO

O contexto sociopolítico brasileiro, marcado pela corrupção, crises e desigualdade, intensifica o *stress*, a ansiedade e a desconfiança nas instituições, comprometendo a coesão social (Reis & Lopez, 2024; Rothstein, 2017). Esta situação evidencia a importância de compreender o clima emocional para promover a transformação social no país (de Sousa et al., 2021). Esta investigação, com um desenho de estudo correlacional, analisa o clima socioemocional no Brasil, a sua relação com variáveis psicossociais e o poder preditivo dessas variáveis na percepção do clima emocional. Utilizou-se uma amostragem não probabilística de conveniência e bola de neve, obtendo-se uma amostra de 506 indivíduos (374 do sexo feminino e 133 do sexo masculino; idade $\bar{X} = 44.96 \pm 14.88$ anos). Aplicou-se um protocolo que incluía um questionário sociodemográfico e diversas escalas: Clima Emocional (Páez et al., 1997), Ansiedade, Depressão e Stress - 21 itens (Lovibond & Lovibond, 1995), Coping Resiliente (versão breve, Sinclair & Wallston, 2004), Satisfação com a Vida (Zabriskie & McCormick, 2003), Ameaça Financeira (Marjanovic et al., 2013) e Bem-Estar Financeiro (Norvilitis et al., 2003). Os resultados indicam uma prevalência de Clima Emocional Negativo em relação ao Positivo. Stress e Ameaça Financeira são preditores do Clima Emocional Negativo, enquanto Coping Resiliente e Percepção da Situação Económica do País preveem um Clima Emocional Positivo. Este estudo sugere que o clima emocional no Brasil é influenciado por condições socioeconómicas instáveis, destacando a necessidade de políticas que promovam segurança emocional e coesão social. Além disso, as limitações apontam para a relevância de investigações futuras sobre dinâmicas emocionais em diferentes contextos.

Palavras-chave: Clima Emocional, Variáveis Psicossociais, Contexto sociopolítico brasileiro

ABSTRACT

The Brazilian sociopolitical context, marked by corruption, crises, and inequality, intensifies stress, anxiety, and distrust in institutions, compromising social cohesion (Reis & Lopez, 2024; Rothstein, 2017). This situation highlights the importance of understanding the emotional climate to promote social transformation in the country (de Sousa et al., 2021). This investigation, with a correlational study design, analyzes the socio-emotional climate in Brazil, its relationship with psychosocial variables, and the predictive power of these variables on the perception of the emotional climate. A non-probabilistic convenience and snowball sampling method was used, resulting in a sample of 506 individuals (374 females and 133 males; age $\bar{X} = 44.96 \pm 14.88$ years). A protocol was applied that included a sociodemographic questionnaire and various scales: Emotional Climate (Páez et al., 1997), Anxiety, Depression, and Stress - 21 items (Lovibond & Lovibond, 1995), Brief Resilient Coping (Sinclair & Wallston, 2004), Life Satisfaction (Zabriskie & McCormick, 2003), Financial Threat (Marjanovic et al., 2013), and Financial Well-Being (Norvilitis et al., 2003). The results indicate a prevalence of Negative Emotional Climate over Positive. Stress and Financial Threat are predictors of Negative Emotional Climate, while Resilient Coping and Perception of the Country's Economic Situation predict a Positive Emotional Climate. This study suggests that the emotional climate in Brazil is influenced by unstable socioeconomic conditions, highlighting the need for policies that promote emotional security and social cohesion. Additionally, the limitations point to the relevance of future investigations on emotional dynamics in different contexts.

Keywords: Emotional Climate, Psychosocial Variables, Brazilian Sociopolitical Context

Introdução

O cenário sociopolítico do Brasil é caracterizado por uma intersecção complexa entre fatores económicos, políticos e sociais que impactam profundamente o bem-estar emocional da população. A corrupção, um problema crónico na América Latina (Moisés, 2010), é especialmente visível no Brasil, onde escândalos recorrentes minam a confiança nas instituições (Reis & Lopez, 2024; Rothstein, 2017). Esta realidade contribui para um aumento significativo nos problemas de saúde mental, manifestando-se em níveis elevados de *stress*, ansiedade e depressão (Anyan et al., 2024; Gillanders, 2016; Zhang, 2022). Além disso, a polarização social e a crise de confiança nas lideranças políticas refletem uma contínua instabilidade económica. A precarização económica e a insegurança financeira aumentam a ansiedade e o *stress* da população, exacerbadas pela instabilidade económica e pelo risco de desemprego, com mais de 70 milhões de brasileiros a enfrentar insegurança alimentar (Stacciarini & Santos, 2024). Este quadro, juntamente com a baixa coesão social e a polarização, gera um clima de incerteza e fragmentação. Crises sanitárias, como a pandemia de COVID-19, intensificam preocupações emocionais, trazendo sentimentos de medo e desesperança (Pfefferbaum & North, 2020). Compreender o clima emocional da população é, portanto, essencial para uma análise mais profunda das dinâmicas sociais brasileiras.

O conceito de Clima Emocional, conforme discutido por Páez et al. (1997) e de Rivera (1992), é fundamental para entender como as emoções coletivas afetam a coesão social e a ação comunitária, sendo definido como uma “atmosfera afetiva coletiva”. O clima emocional refere-se à predominância de certas emoções num grupo, moldando interações e perceções. de Rivera (1992) distingue o clima emocional de outras manifestações emocionais, considerando-o um fenómeno social intermediário mais duradouro que reações coletivas imediatas, mas menos estável que padrões emocionais enraizados ao longo do tempo. O autor identifica vários climas emocionais, como o clima de medo, comum em regimes autoritários, e o clima de segurança, que favorece a cooperação em contextos de igualdade. Páez et al. (1997) propõem a Escala do Clima Emocional para medir a predominância de emoções, perceções e crenças sociais partilhadas, enfatizando que o clima emocional não é apenas a soma das emoções individuais, mas uma “atmosfera” estruturada. Estudos indicam que a privação relativa coletiva — a sensação de que um grupo tem menos do que deveria — é uma motivação mais forte para a ação coletiva do que a privação individual (Páez et al., 1997; Power et al., 2020).

Páez et al. (1997) argumentam que as emoções coletivas influenciam a ação social, potencializando ou inibindo o envolvimento cívico. Num clima de confiança, há maior

colaboração (Griessmair & Hippmann, 2022; Nunney, 2022); por outro lado, um clima de medo pode levar ao isolamento e a comportamentos cautelosos (Nguyen & Noussair, 2022). Essa compreensão das emoções coletivas oferece oportunidades analíticas e de intervenção para interpretar as dinâmicas sociais. O clima emocional, seja positivo ou negativo, é influenciado por fatores sociais e económicos. Páez et al. (2013) relacionam o clima emocional negativo a situações de conflito e *stress*, enquanto o clima positivo é associado ao apoio social. As suas investigações revelam variações do clima emocional entre países; por exemplo, o Brasil e o Chile apresentam níveis elevados de clima negativo, enquanto regiões da Espanha, como Madrid e o País Basco, mostram índices mais baixos (Páez et al., 1997). Estudos na Argentina (Zubieta et al., 2008), em Portugal (de Sousa et al., 2021) e no México (Hernández et al., 2015) também indicam a predominância de percepções negativas.

Pesquisas indicam que o clima emocional está ligado a variáveis psicossociais, como *stress*, ansiedade e depressão. de Sousa et al. (2021) mostram que um clima emocional positivo está associado à satisfação com a vida, enquanto o clima negativo correlaciona-se com aumentos na ansiedade e depressão. A ansiedade e a depressão partilham sintomas comuns, como afeto negativo e resposta fisiológica (Clark & Watson, 1991). Sob pressão económica, esses problemas tendem a intensificar-se, como demonstrado por Martín-Carrasco et al. (2016) e Mucci et al. (2016).

A ameaça financeira, um stressor decorrente da insegurança económica (Marjanovic et al., 2013, 2015), impacta o clima emocional da sociedade. Em tempos de incerteza económica, o medo e a desconfiança intensificam-se (de Rivera, 1992), e há uma relação clara entre dificuldades financeiras e sofrimento psicológico (Jesus et al., 2016; Viseu et al., 2015). Contudo, o bem-estar financeiro pode reduzir esses efeitos negativos, promovendo um clima emocional positivo. A satisfação com a vida, um componente essencial do bem-estar subjetivo (Diener et al., 1985), está associada a um clima emocional positivo, incentivando a colaboração social (Lu et al., 2020). A combinação de ameaças financeiras com baixa satisfação prejudica a coesão social (Jeong & Korsgaard, 2021). A resiliência surge como um fator de enfrentamento, permitindo respostas adaptativas às adversidades e promovendo um fortalecimento contínuo (Luthar et al., 2000; Sinclair & Wallston, 2004).

Assim, compreender a interação entre essas variáveis e o clima emocional é crucial para identificar fatores que promovem um ambiente coletivo positivo. Estudos como os de Sousa et al. (2021) destacam a importância dessas correlações para o desenvolvimento de políticas públicas que visem fortalecer o bem-estar social e a coesão comunitária. Explorar a influência

dessas variáveis no clima emocional no contexto brasileiro pode oferecer insights valiosos para a formulação de políticas que favoreçam o bem-estar coletivo.

Desta forma, o presente estudo propõe-se a contribuir para a literatura existente ao explorar como as variáveis psicossociais impactam o clima emocional no Brasil. Embora a literatura atual já tenha evidenciado correlações entre essas variáveis e o clima emocional, existe uma lacuna em estudos que investiguem a influência direta das variáveis nos climas emocional positivo e negativo. Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar as relações e o poder preditivo das variáveis psicossociais na percepção do clima emocional no contexto brasileiro. Os objetivos específicos incluem avaliar o clima socioemocional no Brasil, analisar as relações entre as dimensões positiva e negativa do clima emocional com fatores como *stress*, ansiedade, depressão, satisfação com a vida, *coping* resiliente, ameaça financeira, bem-estar financeiro e percepção da situação econômica do país, e identificar os preditores psicossociais da percepção do clima socioemocional, tanto negativo como positivo.

Para atender a esses objetivos, o estudo formulou as hipóteses que enunciamos de seguida. H1: espera-se que a dimensão do Clima Emocional Negativo seja estatisticamente superior à dimensão do Clima Emocional Positivo. H2: espera-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira. H3: espera-se uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar Financeiro e Percepção da Situação Econômica do País. H4: espera-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar Financeiro e Percepção da Situação Econômica do País. H5: espera-se uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira. H6: espera-se que as variáveis Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira sejam preditoras da percepção do Clima Emocional Negativo. H7: espera-se que as variáveis Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Bem-Estar Financeiro e Percepção da Situação Econômica do País sejam preditoras da percepção do Clima Emocional Positivo.

Ao abordar essas questões, o estudo visa expandir o conhecimento teórico sobre o clima emocional e fornecer insights práticos para a formulação de políticas sociais que promovam o bem-estar coletivo e a coesão social no Brasil.

Método

Participantes

A amostra do estudo foi composta por 506 indivíduos, com idades variando entre os 18 e os 80 anos, apresentando uma média de 44.96 ± 14.88 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (73.8%), enquanto os homens representavam 26.2%. No que respeita ao estado civil, 52.3% eram casados ou viviam em união de facto, 28.2% eram solteiros, e 16% encontravam-se separados ou divorciados. Em relação à responsabilidade por familiares dependentes, 42% dos participantes relataram ter dependentes, com o número variando entre 1 e 8, enquanto 58% afirmaram não possuir dependentes. Quanto à nacionalidade, a grande maioria era brasileira (94.9%), seguida de pequenos grupos de nacionalidades italiana (.6%), argentina (.4%), portuguesa (.2%) e dupla (portuguesa-brasileira, .2%). Relativamente às habilitações académicas, a maior parte dos indivíduos possuía níveis elevados de educação, com 29.8% a deter pós-graduação, 21.9% ensino superior completo e 17.4% ensino superior incompleto. Além disso, 16.6% haviam concluído o ensino secundário, enquanto 10.1% possuíam mestrado e 3.2% doutoramento. Apenas 1.2% tinham como grau máximo o ensino básico. Por fim, a situação laboral revelou que 38.7% dos participantes eram empregados efetivos, 24.3% trabalhavam como autónomos e 19.7% estavam aposentados. Um total de 7.9% encontrava-se desempregado, 6.3% eram estudantes e 3.2% possuíam um emprego temporário ou em período de experiência (ver Tabela 1).

Tabela 1

Estatística descritiva dos dados sociodemográficos

		N	(%)	Média	Desvio Padrão
Idade	-	506	-	44.96	14.877
Género	Feminino	374	73.8	-	-
	Masculino	133	26.2	-	-
Estado Civil	Casado(a) ou em união de facto	265	52.3	-	-
	Separado(a) ou divorciado(a)	81	16.0	-	-
	Solteiro(a)	143	28.2	-	-

Familiares Dependentes	Sim	213	42.0	-	-
	Não	294	58.0	-	-
Nacionalidade	Brasileira	500	94.9	-	-
	Portuguesa	1	.2	-	-
	Italiana	3	.6	-	-
	Argentina	2	.4	-	-
	Dupla (PT-BR)	1	.2	-	-
Habilitações acadêmicas	Ensino Fundamental	6	1.2	-	-
	Ensino Médio	84	16.6	-	-
	Ensino Superior Incompleto	88	17.4	-	-
	Ensino Superior	111	21.9	-	-
	Pós-graduação	151	29.8	-	-
	Mestrado	51	10.1	-	-
	Doutoramento	16	3.2	-	-
Situação Laboral	Autônomo	123	24.3	-	-
	Empregado efetivado	196	38.7	-	-
	Empregado (à experiência)	16	3.2	-	-
	Aposentado	100	19.7	-	-
	Desempregado	40	7.9	-	-
	Estudante	32	6.3	-	-

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi composto por questões sobre sexo, idade, estado civil, tamanho do agregado familiar, existência de membros da família dependentes, número de membros da família dependentes, nacionalidade, país de residência, formação académica e situação profissional.

Clima Emocional

O clima emocional foi avaliado pela Escala de Clima Emocional (Páez et al., 1997), que é composta por dez itens (por exemplo, “O clima ou o ambiente afetivo do país é muito bom.”) com uma escala *Likert* de cinco pontos (1- Nada; 5- Muito). A escala é constituída por duas dimensões: (a) clima emocional negativo, que inclui itens relacionados a emoções negativas básicas (por exemplo, medo, raiva, tristeza); e (b) clima emocional positivo, que inclui itens como alegria, esperança, solidariedade, confiança nas instituições e tranquilidade para falar. A escala inclui ainda um item que entra como variável única e avalia a perceção sobre a situação económica atual do país. No estudo de desenvolvimento deste instrumento, foram obtidos valores de alfa de Cronbach iguais ou superiores a .80, especificamente .80 para a amostra espanhola e .85 para a amostra colombiana (Páez et al., 1997). Na análise das características psicométricas do instrumento no Brasil o autor obteve um coeficiente de alfa de Cronbach de .74 para a dimensão Clima Emocional Positivo e .71 para a dimensão Clima Emocional Negativo (Páez et al., 1997).

Stress, Ansiedade e Depressão

O *stress*, a ansiedade e a depressão foram avaliados pela Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (Depression, Anxiety and Stress Scale – DASS-21; Lovibond & Lovibond, 1995a), adaptada por Pais-Ribeiro et al. (2004) para a população portuguesa, que apresenta vinte e um itens (por exemplo, “Parece que não consigo experimentar nenhum sentimento positivo.”) com uma escala de *Likert* de quatro pontos (0- Não se aplicou a mim de todo; 3- Aplicou-se muito a mim, ou na maior parte do tempo, quase sempre). Esta escala tem três dimensões: stress, ansiedade e depressão, com sete itens cada. No estudo de Pais-Ribeiro et al. (2004), os valores de alfa de Cronbach foram superiores a .70 (depressão $\alpha = .85$, ansiedade $\alpha = .74$, e stress $\alpha = .81$). Já no estudo de adaptação da escala para português do Brasil, os valores de alfa de Cronbach variaram entre .86 e .92 (Vignola, 2013).

Coping Resiliente

O *coping* resiliente foi avaliado pela Escala Breve de Coping Resiliente (Brief Resilient Coping Scale – BRCS; Sinclair & Wallston, 2004), adaptada para a população portuguesa por Pais-Ribeiro e Morais (2010), que tem quatro itens (por exemplo, “Procuro formas criativas de alterar situações difíceis.”) com uma escala *Likert* de cinco pontos (1- Não me descreve de todo; 5- Descreve-me bem). Pais-Ribeiro e Morais (2010) registaram valores de alfa de Cronbach abaixo do limiar de .70. No entanto, os autores argumentaram que os coeficientes de confiabilidade clássicos não são adequados para avaliar as dimensões de *coping*, nomeadamente porque estes constructos dependem do contexto. Além disso, esta medida apresentou apenas quatro itens, pelo que os coeficientes de confiabilidade tendem a penalizar medidas com um número reduzido de itens. Estudos posteriores com a versão adaptada da escala apresentam valores de confiabilidade superiores a .70 (Meireles, 2018; Silva, 2018). A literatura não apresenta estudos com esta escala específica na população brasileira, razão pela qual a sua adaptação cultural foi realizada por dois nativos.

Satisfação com a Vida

A satisfação com a vida foi medida pela Escala de Satisfação com a Vida (Satisfaction With Life Scale – SWLS; Zabriskie & McCormick, 2003), que tem cinco itens (por exemplo, “Em muitos aspectos, a minha vida está próxima do meu ideal.”) com uma escala *Likert* de sete pontos (1- Discordo totalmente; 7- Concordo totalmente). Os resultados de confiabilidade para esta escala na população portuguesa foram superiores ao limiar de .70 (Simões, 1992). Já na adaptação para a população do Brasil, a escala obteve um valor de .89 (Amorim & da Fonseca, 2021).

Ameaça Financeira

A percepção em relação à ameaça financeira foi medida através da Escala de Ameaça Financeira (Financial Threat Scale – FTS), desenvolvida por Marjanovic et al. (2013), que avalia sentimentos de incerteza e ameaça percebida em relação à situação financeira do indivíduo. A FTS é composta por cinco itens, como, por exemplo, “Quão incerto se sente?”, respondidos numa escala *Likert* de cinco pontos (1- Nada; 5- Extremamente incerto). Na validação da escala (Marjanovic et al., 2013), foi obtido um valor de alfa de Cronbach de 0,91. Vários outros estudos também indicam que este instrumento apresenta propriedades psicométricas adequadas em termos de confiabilidade e validade (Jesus et al., 2016; Marjanovic et al., 2013; Viseu et

al., 2019). Os itens foram incluídos no protocolo após uma adaptação cultural dos mesmos feita por cinco nativos, para evitar dificuldades na compreensão dos mesmos.

Bem-Estar Financeiro

O bem-estar financeiro foi avaliado através da Escala de Bem-Estar Financeiro (Financial Well-Being Scale – FWBS; Norvilitis et al., 2003), composta por oito itens respondidos numa escala *Likert* de cinco pontos (1- Discordo totalmente; 5- Concordo totalmente). O processo de validação da FWBS (Norvilitis et al., 2003), apresentou um coeficiente alfa de Cronbach de .74, indicando uma consistência interna adequada. Em estudos posteriores a escala continuou a apresentar níveis adequados de consistência interna, por exemplo, no estudo de Viseu et al. (2015) foi obtido um alfa de Cronbach de .82. Os itens foram incluídos no protocolo após uma adaptação cultural dos mesmos feita por cinco nativos, para evitar dificuldades na compreensão dos mesmos.

De seguida, na Tabela 2, é apresentada a matriz de construtos com o respetivo número de itens, autores da versão original e versão adaptada, assim como o alfa de Cronbach.

Tabela 2

Matriz de Construtos

Variáveis de estudo	Nº de itens	Versão Original	Versão adaptada	Alfa de Chronbach
Clima Emocional Positivo e Negativo	10	Páez et al. (1997)	Páez et al. (1997)	.74; .70
Depressão, Ansiedade e Stress	21	Lovibond e Lovibond (1995)	Vignola (2013)	.92; .90; .86
Coping Resiliente	4	Sinclair e Wallston (2004)	Pais-Ribeiro e Morais (2010)	.53
Satisfação com a Vida	5	Zabriskie e McCormick (2003)	Amorim e da Fonsêca (2021)	.89
Ameaça Financeira	5	Marjanovic et al. (2013)	-	.91

Procedimento

A presente investigação seguiu um desenho de estudo correlacional por amostragem, uma vez que não houve controlo sobre as variáveis de estudo e pretende-se inferir informação sobre a população a partir de uma amostra representativa (Marôco, 2021).

O protocolo de pesquisa apresentou os objetivos deste estudo, bem como indicações sobre padrões de anonimato e confidencialidade. A equipa de pesquisa garantiu que os dados recolhidos seriam usados apenas para fins científicos e que os participantes podiam desistir de participar a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Também foi mencionado que a resposta ao protocolo era voluntária e não havia previsão de quaisquer riscos associados à participação, para a saúde física e mental, ao responder às medidas de autorrelato selecionadas. Após ler essas informações, os potenciais participantes tiveram que indicar se concordavam com elas. Se concordassem, eram direcionados para uma página on-line para preencher o protocolo de pesquisa. Caso contrário, foram informados de que não podiam participar do estudo.

O protocolo foi desenvolvido através de uma plataforma online, com o objetivo de facilitar a recolha e disseminação de dados. Foi adotado um método transversal para a recolha de dados e definido dois critérios de exclusão: os respondentes deveriam ter 18 anos ou mais para participar e residir no Brasil. Inicialmente, o protocolo foi enviado para os contactos pessoais da equipa de pesquisa e divulgado nas redes sociais. Num segundo momento, foi solicitado aos participantes que enviassem o link da plataforma para os seus contactos pessoais. Portanto, a recolha de dados foi realizada através da técnica de amostragem não probabilística, nomeadamente de conveniência e bola de neve.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos da Esucrí – Escola Superior de Criciúma, através do CAAE: 61392622.1.0000.5357. Conforme a Resolução CNS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, o TCLE garante sigilo e privacidade dos dados, podendo o participante solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos. O estudo respeitou as regras referentes a Portugal com a declaração pela Comissão de Ética do Instituto Piaget (CEIP) que emitiu um Parecer Favorável ao Projeto de Investigação “Preditores Psicossociais da Perceção do Clima Socio-Emocional” em 14/06/2024.

Análise de dados

Em relação à análise de dados, esta foi realizada com recurso ao software IBM SPSS Statistics versão 29.0. Inicialmente, foi realizada uma análise descritiva da escala de Clima Emocional, bem como uma avaliação da sua confiabilidade através do coeficiente de alfa de Cronbach, sendo desejado valores superiores a .70 (Hair et al., 1998). De forma a responder ao primeiro objetivo do estudo, foi realizado um teste *t-Student* para comparar as médias das respostas dos participantes em relação ao Clima Emocional Positivo e Negativo. Sendo que se trata da mesma amostra para duas variáveis distintas, foi aplicado o *t-Student* para amostras emparelhadas, teste este que tem como único pressuposto uma distribuição normal das duas variáveis na amostra (Marôco, 2021). De forma a verificar o pressuposto de distribuição normal foi aplicado um teste Kolmogorov-Smirnov (*K-S*), onde *p-value* $\geq .05$ indica evidências estatísticas de uma distribuição normal. Para responder ao segundo objectivo do estudo, foi realizado um teste de Correlação de Pearson, sendo este uma medida da covariância estandardizada, onde os coeficientes variam entre 1 e -1 ($-1 \leq R \leq 1$), sendo que é considerado uma correlação fraca quando o valor absoluto de *r* é inferior a .25; moderada quando o valor encontra-se entre .25 e .50; forte entre .50 e .75; e muito forte para valores superiores a .75 (Marôco, 2021). A Identificação dos Preditores Psicossociais na Perceção do Clima Sócio Emocional Negativo e Positivo (terceiro objetivo), foi efetuada através de dois modelos de regressão linear múltipla, usando o método *Backward*. A capacidade preditiva dos modelos foi examinada pela significância do valor *F* associado à regressão por meio de análise de variância. Procedeu-se à avaliação da dimensão do efeito das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes através do Coeficiente de Determinação ajustado (R_a^2), que mede a proporção da variabilidade total que é explicada pelo modelo, onde um valor de $R_a^2 \geq .50$ indica um bom ajustamento do modelo aos dados (Marôco, 2021). Através do quadrado do valor dos coeficientes de determinação semi parciais ($PartR^2$) foi possível saber o contributo individual de cada uma das variáveis independentes para a variação da variável dependente. Através do teste ANOVA da regressão foi possível compreender se os modelos eram estatisticamente significativos, sendo que para valores de $p \leq .05$ (usando um nível de significância de .05) rejeita-se a hipótese de o modelo não ser significativo. Através dos coeficientes de regressão estandardizados (β) foi possível compreender a contribuição de cada uma das variáveis independentes para o modelo. Sendo que foi usado o método *Backward*, as variáveis independentes que não apresentaram uma contribuição significativa para a variação da variável dependente, foram removidas do modelo, até o modelo demonstrar-se estatisticamente significativo, e cada uma das variáveis

independentes com coeficientes de regressão estandardizados significativos. De forma a garantir que os pressupostos respeitantes aos modelos em questão eram válidos, foi testado: (1) a homogeneidade dos resíduos através do teste *White*, sendo que valores de $p > .05$ indicam que não se rejeita a hipótese das variâncias dos resíduos serem homogêneas; (2) a distribuição normal dos erros através de um gráfico de probabilidade normal, onde compreende-se que, se os erros possuem uma distribuição normal, os valores representados no gráfico vão estar distribuídos mais ou menos na diagonal principal; (3) a independência dos resíduos através da estatística de Durbin-Watson (d), onde valores de $d \approx 2$ permite concluir que não existe autocorrelação entre os resíduos; (4) a não presença de multicolinearidade, através da análise da matriz de correlações, onde correlações entre variáveis independentes elevadas ($|R| > .75$) conduzem geralmente a problemas de multicolinearidade, e através do Factor de Inflação da Variância (*VIF*) onde valores superiores a 5 indicam problemas na estimação do β devido à presença de multicolinearidade nas variáveis independentes (Marôco, 2021).

Resultados

Análise Descritiva das Escalas e Confiabilidade

Na escala de Clima Emocional (Páez et al., 1997), o item relativo à Situação Económica do País apresentou uma média de $1.85 \pm .837$. Este resultado indica que os participantes tendem a classificar a situação económica do país como moderadamente baixa. Nas duas dimensões da escala, o Clima Emocional Positivo obteve uma média de $2.48 \pm .657$, indicando que, em média, os participantes percebem um nível baixo de emoções positivas. Por outro lado, o Clima Emocional Negativo apresentou uma média de $3.65 \pm .812$, o que sugere uma perceção relativamente mais elevada de emoções negativas. Os valores de alfa de Cronbach foram de .79 para o Clima Emocional Positivo, .74 para o Clima Emocional Negativo e .81 para a Escala de Clima Emocional, demonstrando uma boa confiabilidade para estas subescalas (Hair et al., 1998).

As dimensões de Stress, Ansiedade e Depressão, pertencentes à escala DASS-21 (Lovibond & Lovibond, 1995a, adaptada por Pais-Ribeiro et al., 2004), revelaram diferentes níveis médios entre os participantes. O Stress apresentou uma média de 7.92 ± 5.01 ($\alpha = .92$), a Depressão obteve uma média de 6.69 ± 5.33 ($\alpha = .93$) e a Ansiedade uma média de 4.54 ± 4.58 ($\alpha = .90$). Estes valores indicam que o nível de *stress* relatado pelos participantes foi relativamente mais elevado, seguido pela depressão e, por fim, pela ansiedade. Para além dos valores de confiabilidade apresentados para cada dimensão, o total da escala obteve um alfa de

.97, o que indica uma excelente consistência interna (Hair et al., 1998), refletindo a confiabilidade das medidas dessas três dimensões e da escala como um todo.

Em relação ao Coping Resiliente (BRCS; Sinclair & Wallston, 2004, adaptada por Pais-Ribeiro & Moraes, 2010), apresentou uma média de 12.61 ± 3.54 . Este resultado aponta para uma capacidade moderada de resiliência entre os participantes. A escala apresentou um alfa de Cronbach de .81, evidenciando uma boa consistência interna (Hair et al., 1998).

A Satisfação com a Vida (SWLS; Zabriskie & McCormick, 2003, adaptada por Amorim & da Fonseca, 2021) obteve uma média de 14.93 ± 4.29 , sugerindo um nível moderado de satisfação entre os participantes. Este valor, situado aproximadamente no ponto médio da escala, indica que, no geral, os participantes estão razoavelmente satisfeitos com as suas vidas, mas com uma margem significativa de variação. Esta escala também apresentou uma boa consistência interna, com um alfa de Cronbach de .83 (Hair et al., 1998).

A escala de Ameaça Financeira (FTS; Marjanovic et al., 2013) apresentou uma média de 2.99 ± 1.06 , indicando uma percepção moderada de ameaça financeira entre os participantes. Este resultado sugere que, embora existam preocupações financeiras, estas não são consideradas extremamente elevadas pela maioria da amostra. A escala apresentou um alfa de Cronbach de .93, revelando uma excelente consistência interna (Hair et al., 1998).

Por fim, a escala de Bem-Estar Financeiro (FWBS; Norvilitis et al., 2003) obteve uma média de $3.39 \pm .80$, indicando que os participantes, em média, têm uma visão moderadamente positiva sobre o seu bem-estar financeiro. O alfa de Cronbach desta escala foi de .84, sugerindo uma boa consistência interna (Hair et al., 1998).

Em suma, esta análise revela um panorama inicial do estado emocional, psicológico e financeiro dos participantes, sugerindo que a amostra apresenta uma percepção predominantemente negativa do clima emocional do país e da sua situação económica, enfrentando desafios moderados relacionados com o *stress*, depressão e ansiedade, mas que mantém capacidades de resiliência e uma percepção razoavelmente estável sobre o seu bem-estar e futuro financeiro. As escalas utilizadas demonstraram, de forma geral, uma consistência interna adequada, com alfas de Cronbach variando de .74 a .93, o que sugere que as medidas aplicadas são confiáveis (Hair et al., 1998).

Os resultados da análise descritiva das escalas e confiabilidade estão reportados na Tabela 4.

Verificação da H1

A significância da diferença entre as médias do Clima Emocional Positivo e do Clima Emocional Negativo foi avaliada através de um teste *t-Student* para amostras emparelhadas (ver Tabela 3). Na verificação do pressuposto de normalidade, o teste Kolmogorov-Smirnov (*K-S*) indicou evidências estatísticas para rejeitar a hipótese nula de que os dados seguem uma distribuição normal ($K-S_{(507)} = .082$; $p < .01$ para Clima Emocional Positivo, e $K-S_{(507)} = .106$; $p < .01$ para Clima Emocional Negativo). Embora a normalidade tenha sido rejeitada, a literatura sugere que testes paramétricos, como o *t-Student*, são robustos a violações da normalidade, especialmente em amostras grandes, tipicamente muito superiores a 30 observações (Harwell et al., 1992; Refinetti, 1996; Scheffé, 1959, citados por Marôco, 2021). Nesses casos, a distribuição amostral da média tende a ser aproximadamente normal, mesmo sem a normalidade dos dados, o que garante a validade do teste. De acordo com a literatura, a violação da normalidade pode reduzir a potência do teste, mas não compromete significativamente o risco de erro tipo I, e as análises continuam válidas se os valores absolutos de assimetria estiverem dentro do intervalo $[-3;3]$ e os de curtose dentro de $[-3;3]$ (Kline, 1998; Myeres & Well, 2003; Sharma 1996; Wilcox, 1995, citados por Mâroco, 2021). Analisando as estatísticas de assimetria (*Sk*) e curtose (*K*), verificou-se que a distribuição de Clima Emocional Positivo é quase simétrica, com uma ligeira assimetria positiva ($Sk = .263$), indicando uma cauda direita um pouco mais longa. Além disso, a curtose negativa ($K = -.342$) sugere uma distribuição um pouco mais achatada do que a normal, com menos concentração de valores no centro e caudas mais curtas. Em relação ao Clima Emocional Negativo, a distribuição é também próxima da normalidade, com uma ligeira assimetria negativa ($Sk = -.362$), o que indica uma cauda esquerda um pouco mais longa. A curtose positiva, porém próxima de zero ($K = .055$), indica que a distribuição é muito semelhante à normal, com caudas e concentração de valores bastante equilibrados. Esses resultados sugerem que, apesar da rejeição da normalidade pelo teste *K-S*, os valores de assimetria e curtose encontram-se dentro dos limites aceitáveis, o que, em conjunto com o tamanho da amostra ($N = 507$), garante a robustez do teste paramétrico. Assim, foi decidido prosseguir com a aplicação do teste *t-Student* para amostras emparelhadas, uma vez que a violação do pressuposto de normalidade não compromete a validade estatística da análise, especialmente numa amostra de grande dimensão.

O resultado do teste *t-Student* para amostras emparelhadas permite rejeitar a hipótese nula da H1, ou seja, rejeitar a hipótese de que não existem diferenças entre o Clima Emocional Positivo e o Clima Emocional Negativo. Desta forma, existem evidências estatísticas

significativas de diferenças entre as médias do Clima Emocional Positivo e do Clima Emocional Negativo ($t_{(506)} = -21.197$; $p < .001$), onde se observa que o Clima Emocional Negativo tem uma média superior (3.65 ± 2.81) em relação ao Clima Emocional Positivo ($2.48 \pm .657$).

Assim, os dados obtidos estão de acordo com a hipótese H1, indicando que as diferenças entre as médias das dimensões do Clima Emocional Negativo e Positivo são estatisticamente significativas, sendo que a percepção de um Clima Emocional Negativo é superior à do Clima Emocional Positivo.

Tabela 3

T-Student para amostras emparelhadas (Clima Emocional Positivo e Clima Emocional Negativo)

	t	df	Sig.
Par CE Positivo e CE Negativo	-21.197	506	< .001

Correlações (Verificação da H2, H3, H4, H5)

A H2 sugere uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira. Os resultados do teste de correlação de Pearson apoiam esta hipótese, indicando correlações moderadas entre o Clima Emocional Negativo e as variáveis de Stress ($r = .396$, $p < .01$) e Depressão ($r = .372$, $p < .01$), e correlações moderadamente fracas com Ansiedade ($r = .299$, $p < .01$) e Ameaça Financeira ($r = .305$, $p < .01$). Estes resultados permitem rejeitar a hipótese nula da H2, indicando que níveis elevados de *stress*, ansiedade, depressão e a percepção de ameaça financeira têm uma relação estatisticamente significativa com o clima emocional negativo.

A H3 propõe uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Negativo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Situação Económica do País e Bem-Estar Financeiro. Os resultados revelam correlações significativas e negativas entre o Clima Emocional Negativo e as variáveis de Satisfação com a Vida ($r = -.123$, $p < .01$), com uma correlação fraca; Situação Económica do País ($r = -.349$, $p < .01$), com uma correlação moderada; e Bem-Estar Financeiro ($r = -.132$, $p < .01$), também fraca. A correlação com o Coping Resiliente não foi significativa ($r = -.047$, $p > .05$). Assim, a H3 é parcialmente confirmada, sugerindo que níveis mais baixos de satisfação com a vida e uma

percepção negativa da situação económica do país estão associados a um clima emocional negativo, com correlações fracas e moderadas observadas.

A H4 sugere uma relação positiva e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Situação Económica do País e Bem-Estar Financeiro. Os dados confirmam correlações significativas e positivas entre o Clima Emocional Positivo e Satisfação com a Vida ($r = .104, p < .05$), Situação Económica do País ($r = .603, p < .01$) e Bem-Estar Financeiro ($r = .154, p < .01$). No entanto, a correlação com o Coping Resiliente não foi significativa ($r = .062, p > .05$). Estes resultados confirmam parcialmente a H4, sugerindo que níveis mais elevados de satisfação com a vida, bem-estar financeiro e uma visão mais positiva sobre a situação económica do país estão relacionados com a percepção de um clima emocional positivo.

Por fim, a H5 sugere uma relação negativa e estatisticamente significativa entre o Clima Emocional Positivo e os níveis de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira. Os dados mostram correlações significativas e negativas entre o Clima Emocional Positivo e Stress ($r = -.229, p < .01$), Ansiedade ($r = -.208, p < .01$), Depressão ($r = -.244, p < .01$) e Ameaça Financeira ($r = -.231, p < .01$). Contudo, à semelhança das relações explanadas anteriormente, a correlação com o Coping Resiliente não foi significativa ($r = -.062, p > .05$). Estes resultados confirmam parcialmente a H5, indicando que níveis mais baixos de *stress*, ansiedade, depressão e percepção de ameaça financeira se relacionam com um clima emocional positivo.

Em síntese, os resultados mostram que o Clima Emocional Negativo está positivamente correlacionado com níveis elevados de Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira, e negativamente com a Satisfação com a Vida, a percepção da Situação Económica do País e o Bem-Estar Financeiro. Por outro lado, o Clima Emocional Positivo está positivamente associado à Satisfação com a Vida, à percepção da Situação Económica do País e ao Bem-estar Financeiro, enquanto se correlaciona negativamente com o Stress, a Ansiedade, a Depressão e a Ameaça Financeira. No entanto, o Coping Resiliente não apresentou correlações significativas em nenhuma das hipóteses propostas, o que pode sugerir que, embora as estratégias de *coping* sejam importantes, a sua eficácia pode não estar diretamente relacionada com a percepção do clima emocional, podendo depender de outros fatores contextuais ou pessoais. Estas relações confirmam parcialmente as hipóteses formuladas, reforçando o impacto das variáveis psicossociais no clima emocional.

Os resultados das correlações explanadas estão reportados na Tabela 4.

Tabela 4*Análise descritiva das escalas, coeficientes de correlação de Pearson e confiabilidade*

	Média	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1.85	.839	-	-.129**	-.122**	-.112*	-.037	-.067	-.213**	.178**	.603**	-.349**
2	7.91	5.007		(.919)	.858**	.826**	-.397**	-.349**	.372**	-.215**	-.229**	.396**
3	6.68	5.329			(.926)	.789**	-.451**	-.466**	.428**	-.282**	-.244**	.372**
4	4.54	4.579				(.898)	-.352**	-.334**	.367**	-.265**	-.208**	.299**
5	12.60	3.536					(.811)	.490**	-.175**	.132**	.062	-.047
6	14.92	4.286						(.826)	-.417**	.366**	.104*	-.123**
7	2.98	1.063							(.934)	-.565**	-.231**	.305**
8	3.39	.894								(.839)	.154**	-.132**
9	2.48	.657									(.794)	-.409**
10	3.64	.812										(.740)

Nota. N = 507. A medida de consistência interna está reportada entre parêntesis; $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Legenda das Variáveis:

1. A situação económica do país é muito boa
2. Dimensão Stress
3. Dimensão Depressão
4. Dimensão Ansiedade
5. Dimensão Coping Resiliente
6. Satisfação com a vida
7. Ameaça Financeira
8. Bem-Estar Financeiro
9. Clima Emocional Positivo
10. Clima Emocional Negativo

Testes aos Modelos de Regressão Linear (Verificação da H6 e H7)

H6: Espera-se que as variáveis Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira sejam preditoras da perceção do Clima Emocional Negativo.

Para testar a hipótese de que as variáveis Stress, Ansiedade, Depressão e Ameaça Financeira são preditores do Clima Emocional Negativo, foi realizada uma regressão linear múltipla utilizando o método de seleção *Backward* (ver Tabela 5). A análise dos pressupostos do modelo

final incluiu a normalidade, homogeneidade e independência dos erros. A normalidade foi confirmada graficamente, observando-se que os valores se distribuem ao longo da diagonal principal. O teste de *White* validou a homogeneidade dos resíduos, pois não foi possível rejeitar a hipótese nula de homogeneidade da variância ($X^2_{(14)} = 20.102$, $p = .127$). A independência dos erros foi avaliada pela estatística de Durbin-Watson ($d = 1.834$), que apresentou valores aceitáveis. A multicolinearidade não foi identificada, uma vez que as correlações entre as variáveis não ultrapassaram .75, e o fator de inflação da variância ficou abaixo de 5 ($VIF = 1.16$).

No modelo final, as variáveis Ansiedade e Depressão foram removidas. Assim, o Stress ($B = .053$, $t = 7.570$, $p < .001$) e a Ameaça Financeira ($B = .140$, $t = 4.230$, $p < .001$) foram identificados como preditores significativos do Clima Emocional Negativo. O modelo demonstrou ser estatisticamente significativo [$F_{(2,504)} = 57.436$, $p < .001$], indicando que, com o aumento dos níveis de Stresse e de Ameaça Financeira, a percepção do Clima Emocional Negativo também aumenta.

O valor estimado do Clima Emocional Negativo, com Stress e Ameaça Financeira iguais a zero, é de 2.806, o que é estatisticamente diferente de zero ($t = 28.288$, $p < .01$). Embora o modelo seja estatisticamente significativo, as duas variáveis preditoras explicam apenas 19% da variação nos níveis de Clima Emocional Negativo ($R_a^2 = .186$). Destaca-se que o Stress é a variável com o maior efeito no Clima Emocional Negativo, explicando 9% da sua variação ($PartR^2 = .092$), enquanto a Ameaça Financeira explica 3% da variação da variável dependente ($PartR^2 = .029$).

H7: Espera-se que as variáveis Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Situação Económica do País e Bem-Estar Financeiro sejam preditoras da percepção do Clima Emocional Positivo.

Para testar a hipótese de que as variáveis Satisfação com a Vida, Coping Resiliente, Situação Económica do País e Bem-Estar Financeiro são preditoras do Clima Emocional Positivo, foi realizada uma regressão linear múltipla utilizando o método de seleção *Backward* (ver Tabela 5). Inicialmente, observou-se heterocedasticidade nos resíduos do modelo final. Para corrigir este problema, foi aplicada uma transformação logarítmica à variável Situação Económica do País, resultando numa distribuição mais simétrica e em homogeneidade da variância (Marôco, 2021).

Após esta transformação, procedeu-se à análise dos pressupostos do modelo. A normalidade foi confirmada graficamente, com os valores a distribuírem-se ao longo da

diagonal principal. O teste de *White* validou a homogeneidade dos resíduos, pois não foi possível rejeitar a hipótese nula de homogeneidade da variância ($X^2_{(5)} = 3.346$, $p = .647$). A independência dos erros foi avaliada pela estatística de Durbin-Watson ($d = 1.892$), que apresentou novamente valores aceitáveis. A multicolinearidade não foi identificada, uma vez que as correlações entre as variáveis não ultrapassaram .75, e o fator de inflação da variância ficou abaixo de 5 ($VIF = 1.001$).

No modelo final, as variáveis Satisfação com a Vida e Bem-Estar Financeiro foram removidas. Assim, Coping Resiliente ($B = .014$, $t = 2.135$, $p < .05$) e Situação Económica do País ($B = .862$, $t = 17.049$, $p < .001$) foram identificados como preditores significativos do Clima Emocional Positivo. O modelo demonstrou ser estatisticamente significativo [$F_{(2,504)} = 146.846$, $p < .001$], indicando que, com o aumento dos níveis de Coping Resiliente e da Perceção da Situação Económica do País, a perceção do Clima Emocional Positivo também aumenta.

O valor estimado do Clima Emocional Positivo, com Coping Resiliente e Situação Económica do País iguais a zero, é de 1.863, o que é estatisticamente diferente de zero ($t = 20.577$, $p < .01$). As duas variáveis predictoras explicam 37% da variação nos níveis de Clima Emocional Positivo ($R_a^2 = .366$). Importa salientar que a perceção da Situação Económica do País é a variável com o maior efeito no Clima Emocional Positivo, explicando 37% da sua variação ($PartR^2 = .365$), enquanto o Coping Resiliente, embora significativo, explica apenas .5% da variação da variável dependente ($PartR^2 = .005$).

Tabela 5

Resultados das Regressões do Modelo 1 e 2

Modelo	Sumário do Modelo		Anova		Coeficientes de Regressão				
	R	R _a ²	df	F	B	Std. Error	t	R ² Part	
1	.431	.186	(2,504)	57.436**	Const.	2.806	.099	28.288**	
					V.I.1	.053	.007	7.570**	.092
					V.I.2	.140	.033	4.230**	.029
2	.607	.368	(2,504)	146.846**	Const.	1.863	.091	20.577**	
					V.I.3	.014	.007	2.135*	.005
					V.I.4	.862	.051	17.049**	.365

Nota. Modelo 1: V.D. – Clima Emocional Negativo; Preditoras (V.I.) – 1.Stress, 2.Ameaça Financeira; Modelo 2: V.D. – Clima Emocional Positivo; Preditoras (V.I.) – 3.Coping Resiliente; 4.Situação Económica do País; * $p < .05$ ** $p < .01$.

Discussão de Resultados

A predominância de uma percepção de clima emocional negativo face ao positivo, observada nos resultados deste estudo, é consistente com as expectativas teóricas e os estudos empíricos em contextos de instabilidade socioeconómica e desafios psicossociais significativos (de Sousa et al., 2021; Hernández et al., 2015; Páez et al., 2011; Zubieta et al., 2008). Em cenários marcados por crises económicas, políticas de austeridade e condições sociais adversas, é comum que o clima emocional coletivo se incline para emoções negativas, como ansiedade, insegurança e desesperança (Catalano et al., 2011; de Sousa et al., 2021). Este fenómeno é amplamente explicado pela teoria do clima emocional, que propõe que os estados emocionais coletivos emergem e se solidificam a partir das experiências e percepções partilhadas de dificuldades, especialmente no que respeita à estabilidade financeira e à segurança social.

Nestes contextos, a frequência e a intensidade das emoções negativas tendem a aumentar, resultando numa “contaminação emocional” que reforça o clima emocional negativo e o consolida como percepção dominante entre os indivíduos de uma mesma sociedade (Páez et al., 2013). O impacto de fatores macroeconómicos, como taxas de desemprego, inflação e políticas de austeridade, é particularmente relevante, uma vez que influenciam diretamente a percepção de ameaça financeira e, indiretamente, as sensações de estabilidade e segurança, tanto no presente como em relação ao futuro (Grainca, 2021; Lileikienė & Martinkienė, 2023; Mabkhot & Al-Wesabi, 2022; Zega et al., 2023).

Adicionalmente, estudos mostram que, em períodos de crise e instabilidade, o surgimento de um clima emocional predominantemente negativo é um mecanismo adaptativo coletivo, onde a percepção das condições adversas promove uma resposta emocional negativa mais acentuada, como forma de sinalizar ao grupo a necessidade de cautela e adaptação (de Rivera, 1992; Páez et al., 2013). Estes estudos reforçam o argumento de que, num cenário com altos níveis de incerteza financeira e social, o clima emocional negativo seja mais prevalente e mais intensamente percebido pelos indivíduos em relação ao clima emocional positivo.

Após constatar-se a prevalência da percepção de um clima emocional negativo na amostra, torna-se relevante explorar a forma como este clima se relaciona com variáveis psicossociais específicas, verificando se estas correlações seguem padrões consistentes com a

literatura. Os resultados que mostram correlações entre o clima emocional e variáveis psicossociais específicas seguem um padrão já amplamente descrito na literatura, especialmente em contextos de incerteza económica e social. Observa-se que o clima emocional negativo se correlaciona positivamente com níveis elevados de *stress*, ansiedade, depressão e ameaça financeira, enquanto o clima emocional positivo demonstra correlações mais fortes com variáveis de satisfação com a vida, bem-estar financeiro e uma percepção otimista da situação económica. Estas associações oferecem suporte empírico ao impacto da insegurança económica e do sofrimento psicológico na formação de um clima emocional predominantemente negativo, enquanto que indicam o papel protetor do bem-estar subjetivo e da estabilidade económica na percepção de um clima positivo.

A literatura enfatiza que fatores, como *stress*, ansiedade e depressão, são especialmente sensíveis ao contexto socioeconómico (Guan et al., 2022; Mamun et al., 2020; Viseu et al., 2018; Zhu et al., 2019), uma vez que tanto a pressão financeira como a exposição a condições de vulnerabilidade aumentam a sensação de incerteza e falta de controlo (Catalano et al., 2011; de Rivera, 1992). Este efeito é evidente nos resultados ao observarmos que a ameaça financeira surge como uma correlação positiva e significativa com o clima emocional negativo. Este fator, entendido como a percepção de insegurança e instabilidade em relação à situação financeira pessoal (Marjanovic et al., 2013, 2015), atua como um fator de *stress* que intensifica a apreensão e dificulta o envolvimento positivo na sociedade. Assim, em situações onde a percepção de ameaça económica é elevada, o clima emocional negativo é reforçado por um estado de vigilância e receio, consistente com estudos que associam insegurança financeira a emoções negativas (Rajani et al., 2016; Weinstein & Stone, 2018; Wilson et al., 2020) e retração social (Birkenmaier et al., 2016).

A ausência de correlações significativas entre o *coping* resiliente e o clima emocional negativo ou positivo sugere uma complexidade adicional. Diferente do *stress* e da ameaça financeira, o *coping* resiliente, embora fundamental a nível individual em momentos de adversidade, parece não ter uma relação com a percepção do clima emocional. Esta ausência de correlação pode refletir o facto de que o *coping* resiliente é um processo essencialmente intrapsíquico, que atua mais diretamente na gestão interna de desafios (Bui et al., 2023; Diestel, 2021) e, presumivelmente, menos na percepção externa e coletiva do clima emocional. Assim, com os resultados do presente estudo, percebe-se que enquanto o *stress* e a ameaça financeira têm uma relação direta com o senso de segurança e estabilidade percecionada, o *coping* resiliente age como um recurso interno, mobilizado individualmente para manter a

funcionalidade e o bem-estar em situações de dificuldade, sem impactar substancialmente as percepções coletivas de ameaça ou otimismo.

Além disso, os resultados revelam evidências estatisticamente significativas de que o clima emocional positivo se relaciona positivamente com a satisfação com a vida e a percepção otimista da situação econômica, o que reforça a importância de fatores como o bem-estar subjetivo e a segurança econômica para a formação de um clima emocional positivo. A satisfação com a vida, frequentemente associada à presença de emoções positivas e à avaliação positiva das circunstâncias de vida, é um indicador-chave de resiliência psicossocial (Chang et al., 2019; Chan et al., 2023; Cohn et al., 2009; Datu & King, 2016; Franke et al., 2016). Estudos mostram que a satisfação com a vida funciona como um fator de proteção psicológica, promovendo o bem-estar e incentivando percepções positivas em relação ao contexto social e econômico (Khodabakhsh, 2021; Muntean et al., 2022; Padmanabhanunni et al., 2023).

A análise revelou que a percepção da situação econômica do país é um preditor significativo do clima emocional positivo, corroborando a ideia de que a estabilidade econômica percebida pode fortalecer o otimismo e a resiliência emocional na população, como exposto anteriormente. Esta constatação é particularmente relevante em contextos onde a segurança econômica se traduz numa maior confiança nas instituições e no futuro, facilitando a colaboração social e a ação coletiva (Badalyan, 2022; Berveno et al., 2023; Lee & Lee, 2020).

Continuando a análise dos preditores do clima emocional positivo, o *coping* resiliente, embora não tenha demonstrado uma correlação direta com o clima emocional positivo, foi identificado como um preditor desse clima, sugerindo que estratégias de enfrentamento adaptativas podem desempenhar um papel crucial em contextos específicos. Estudos recentes indicam que a relação entre fatores de *stress* econômico e resultados psicológicos negativos é moderada por competências de *coping* resiliente: Jesus et al. (2016) demonstraram que o *coping* resiliente moderou a relação entre três fatores de *stress* econômico (dificuldade financeira, ameaça financeira e bem-estar financeiro) e os níveis de *stress*, ansiedade e depressão. Além disso, verificaram que indivíduos com competências de *coping* resiliente apresentaram níveis mais baixos de *stress*, ansiedade e depressão, mesmo perante ameaças financeiras, em comparação com aqueles com menor capacidade de *coping* (Jesus et al., 2016). Stein et al. (2013) também observaram que, embora indivíduos que necessitaram de ajustar as suas finanças enfrentassem uma maior incidência de depressão e ansiedade, essa prevalência diminuía consideravelmente entre aqueles com competências de *coping* mais desenvolvidas. Da mesma forma, Chen et al. (2012) identificaram que as estratégias de *coping* contribuíram para reduzir a incidência de transtornos psiquiátricos em indivíduos desempregados durante a

crise económica. A ausência de uma correlação significativa, mas com evidências estatísticas de capacidade preditiva do *coping* resiliente sobre o clima emocional positivo, sugere a possibilidade de interações mais complexas, como mediação ou moderação, nas quais o *coping* resiliente poderia amplificar os efeitos da percepção económica sobre o clima emocional, ou vice-versa. Assim, o impacto do *coping* resiliente pode depender de fatores contextuais e das circunstâncias individuais, revelando que o bem-estar emocional não é apenas um reflexo das condições externas, mas também da capacidade dos indivíduos de se adaptarem e prosperarem perante desafios.

Por outro lado, a ausência de evidências estatisticamente significativas da satisfação com a vida e o bem-estar financeiro como preditores do clima emocional positivo pode refletir uma dinâmica diferente. Esta ausência sugere que, em momentos de crise ou instabilidade, as percepções coletivas sobre a economia e a capacidade de enfrentar desafios podem ter um impacto mais direto no clima emocional do que a avaliação subjetiva do bem-estar individual (Goldenberg et al., 2020; Hogan, 2020). Neste sentido, é possível que a experiência emocional coletiva, moldada por fatores externos, se sobreponha às influências individuais na formação do clima emocional positivo. Portanto, embora a satisfação e o bem-estar individual sejam cruciais para a qualidade de vida, estes podem ser ofuscados por percepções mais amplas de estabilidade e segurança que caracterizam o clima social emocional.

Em relação às variáveis preditoras do clima emocional negativo, a análise dos resultados evidencia o *stress* e a ameaça financeira, corroborando os resultados discutidos anteriormente e reforçando a ideia de que compreender como estes fatores interagem é fundamental para o desenvolvimento de intervenções que promovam não só o bem-estar individual, mas também a coesão social em momentos de crise (Mamun et al., 2020; Viseu et al., 2018). Curiosamente, a análise também revelou que a ansiedade e a depressão não se mostraram preditores significativos do clima emocional negativo. Uma explicação possível para o facto de o *stress* e a percepção de ameaça financeira serem preditores do clima emocional negativo, enquanto a ansiedade e a depressão não o serem, pode residir na natureza mais imediata e situacional dos primeiros em contraste com os segundos. O *stress* e a percepção de ameaça financeira são respostas diretas a condições externas concretas que ameaçam a estabilidade e a segurança das pessoas (Lazarus & Folkman, 1984; McEwen & Akil, 2020). Por outro lado, a ansiedade e a depressão, embora fortemente influenciadas por fatores socioeconómicos, são estados intrapsíquicos (Lovibond & Lovibond, 1995b) que podem não ter uma relação tão direta e imediata com a percepção do clima emocional.

Os resultados deste estudo oferecem uma visão abrangente das complexas interações entre o clima emocional, as variáveis psicossociais e as condições económicas. A predominância de um clima emocional negativo, associado ao *stress* e à ameaça financeira, reflete uma realidade frequentemente observada em contextos de instabilidade socioeconómica. Este clima negativo não é apenas um reflexo das dificuldades individuais, mas também uma manifestação coletiva que se fortalece em cenários de incerteza e vulnerabilidade. Os resultados corroboram a ideia de que a perceção de um ambiente ameaçador e instável pode catalisar emoções negativas, criando um ciclo vicioso que compromete não só a saúde mental, mas também a coesão social.

Esta análise sugere que, enquanto fatores individuais, como a satisfação com a vida e o bem-estar financeiro, são cruciais, podem ser eclipsados por perceções coletivas de segurança e estabilidade económica. Este fenómeno destaca a importância de abordagens que considerem tanto as dimensões subjetivas como as contextuais na avaliação do clima emocional. Em tempos de crise, a resiliência coletiva e a confiança nas instituições podem ser determinantes para a formação de um clima emocional mais positivo.

Esta perspetiva é relevante para formuladores de políticas e profissionais da saúde mental, que devem considerar intervenções que abordem as condições socioeconómicas e promovam um senso de comunidade e apoio social, fundamentais para o bem-estar emocional nos níveis individual e coletivo. Em reflexão final, os resultados deste estudo elucidam as inter-relações entre o clima emocional e variáveis psicossociais, mas também sublinham a necessidade de um olhar crítico sobre as estruturas sociais e económicas que moldam as experiências coletivas.

Implicações Teóricas e Práticas

Os resultados deste estudo revelam implicações significativas tanto a nível teórico quanto prático, especialmente no que diz respeito à compreensão do clima emocional em contextos de instabilidade socioeconómica. Desta forma, o presente estudo é um contributo para o conhecimento teórico sobre como as variáveis psicossociais impactam o clima emocional no Brasil e particularmente sobre aquelas que têm um efeito específico na perceção de um clima emocional positivo ou negativo. No âmbito prático, a evidência de que a perceção de um ambiente ameaçador e instável pode catalisar emoções negativas sugere que as políticas e intervenções devem ser projetadas para mitigar a perceção de insegurança. Criar um ambiente de segurança emocional pode não apenas melhorar a saúde mental, mas também fortalecer a

coesão social, uma vez que um clima emocional negativo pode resultar em isolamento e desconfiança entre os indivíduos.

Além disso, o fenômeno que destaca a importância de considerar tanto as dimensões subjetivas quanto as contextuais na avaliação do clima emocional, sugere que intervenções eficazes devem integrar estratégias que abordem a saúde mental e a percepção coletiva de segurança. Em tempos de crise, a resiliência coletiva e a confiança nas instituições emergem como fatores cruciais na formação de um clima emocional positivo. Portanto, iniciativas que fomentem a participação comunitária e a colaboração entre cidadãos e instituições podem fortalecer esses aspectos, promovendo uma cultura de apoio e segurança.

As implicações práticas dos resultados também se estendem ao desenvolvimento de políticas públicas que priorizem o bem-estar emocional em contextos de crise. É essencial que as intervenções levem em conta não apenas as necessidades individuais, mas também as dinâmicas sociais que influenciam a percepção do clima emocional. Programas que promovam a inclusão social, o acesso a serviços de saúde mental e a educação financeira podem ser essenciais para criar um ambiente mais estável e positivo.

Por fim, a compreensão das interações entre o clima emocional e as variáveis psicossociais sublinha também a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na pesquisa e na prática. Colaborar com profissionais de diversas áreas, como psicologia, sociologia e economia, pode resultar em soluções mais eficazes e abrangentes para os desafios emocionais enfrentados pela sociedade. A implementação de estratégias que fortaleçam a resiliência e a confiança nas instituições não apenas contribui para um clima emocional mais positivo, mas também pode atuar como um amortecedor contra os efeitos adversos de crises futuras.

Limitações do Estudo e Direções Futuras

Este estudo apresenta algumas limitações que merecem consideração. A primeira diz respeito ao tamanho da amostra, que, embora considerável (N= 506), pode ser insuficiente para capturar adequadamente o clima emocional da população brasileira, que conta com mais de 210 milhões de habitantes. A representatividade da amostra é crucial, especialmente num país tão diversificado em termos de contexto socioeconômico e cultural.

Além disso, a amostra não foi estratificada com base em características demográficas como sexo, idade, nível educacional e estado de emprego, o que pode ter influenciado os resultados. A heterogeneidade das características sociodemográficas dos participantes pode limitar a generalização dos resultados para a população em geral. Assim, futuros estudos devem

procurar recolher amostras mais representativas, assegurando a homogeneidade em relação a esses fatores para facilitar comparações mais significativas.

Os resultados complexos deste estudo sugerem a necessidade de análises adicionais que explorem outros tipos de relações entre as variáveis, como mediações e moderações. Além disso, recomenda-se que pesquisas futuras realizem estudos comparativos entre diferentes regiões do Brasil ou entre países com contextos socioculturais distintos, para investigar se se verificam as mesmas variáveis psicossociais como preditoras do clima emocional. Essa abordagem ajudaria a aprofundar a compreensão das dinâmicas emocionais em contextos de crise e a desenvolver intervenções mais adaptadas às necessidades específicas de cada população.

Conclusão

Os resultados deste estudo destacam a prevalência de um clima emocional negativo no contexto de instabilidade socioeconômica do Brasil, corroborando a literatura existente sobre a influência de fatores macroeconômicos nas percepções emocionais coletivas. A evidência de que emoções como ansiedade e insegurança dominam em cenários adversos, não apenas reflete as dificuldades individuais, mas também indica uma manifestação coletiva que se fortalece em momentos de incerteza. A inter-relação entre o clima emocional e variáveis psicossociais, como o *stress* e a ameaça financeira, ressalta a importância de abordagens que considerem tanto as dimensões subjetivas como as contextuais.

As implicações deste estudo são significativas, pois sugerem que o clima emocional deve ser avaliado não apenas através de uma lente individual, mas também em termos das suas manifestações coletivas e sociais. Esta abordagem pode ajudar a desenvolver intervenções mais eficazes, voltadas para a promoção da resiliência e da coesão social. Assim, políticas que priorizem a segurança emocional e o bem-estar comunitário são fundamentais, especialmente em tempos de crise, onde a confiança nas instituições pode ser um factor determinante para a formação de um clima emocional positivo.

Entretanto, as limitações do estudo, como o tamanho da amostra e a falta de representatividade demográfica, indicam que é necessário realizar investigações futuras que incluam amostras mais diversificadas e que explorem as dinâmicas emocionais em diferentes contextos culturais e socioeconômicos. Além disso, investigações que analisem relações de mediação e moderação entre as variáveis podem oferecer insights valiosos para entender melhor como fatores individuais e coletivos interagem na formação do clima emocional.

Resumidamente, os resultados do presente estudo revelam que a saúde mental e o bem-estar emocional não são apenas reflexos das condições externas, mas também dependem da capacidade das comunidades de se adaptarem e de se apoiarem mutuamente diante de desafios. Portanto, a promoção de um clima emocional positivo deve ser uma prioridade nas políticas públicas, visando fortalecer tanto a saúde individual como a coesão social.

Referências Bibliográficas

- Adra, A., Harb, C., Li, M., & Baumert, A. (2019). Predicting collective action tendencies among Filipina domestic workers in Lebanon: Integrating the Social Identity Model of Collective Action and the role of fear. *Group Processes & Intergroup Relations*, 23, 967-978. <https://doi.org/10.1177/1368430219885180>.
- Alanko, A. (2023). Dream Societies—Promoting Hope in Finnish Ninth-Graders. *Schools*, 20(1), 187-206. <https://doi.org/10.1086/724398>.
- Amorim, L. G., & da Fonsêca, P. N. (2021). Satisfaction With Family Life Scale: Adaptação e Evidências de Validade e Precisão. *Avaliação Psicológica*, 20(3), 299. <https://doi.org/10.15689/ap.2021.2003.18386.04>.
- Anyan, F., Andoh-Arthur, J., Adjei, S. B., Akotia, C. S. (2024). Mental health problems, interpersonal trust, and socio-cultural correlates of corruption perception in Ghana. *Front. Public Health*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1269579>.
- Badalyan, R. (2022). BASIC MEASURES AND INDICATORS FOR ASSESSMENT OF ECONOMIC SECURITY. *ALTERNATIVE*. <https://doi.org/10.55528/18292828-2022.4-116>.
- Bakioğlu, F., Korkmaz, O., & Ercan, H. (2021). Fear of COVID-19 and Positivity: Mediating Role of Intolerance of Uncertainty, Depression, Anxiety, and Stress. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 19, 2369-2382. <https://doi.org/10.1007/s11469-020-00331-y>.
- Bao, Y., Sun, Y., Meng, S., Shi, J., & Lu, L. (2020). 2019-nCoV epidemic: address mental healthcare to empower society. *The Lancet*, 395(10224), E37-E38. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30309-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30309-3).
- Berveno, O., Bronitsky, A., & Berveno, S. (2023). UPDATE OF THE INSTITUTIONAL METHODOLOGY OF ECONOMIC SECURITY RESEARCH IN THE CONDITIONS OF GLOBAL UNCERTAINTY. *Series: Economic science*, 2(176) <https://doi.org/10.33042/2522-1809-2023-2-176-19-28>.

- Birkenmaier, J., Huang, J., & Kim, Y. (2016). Food Insecurity and Financial Access during an Economic Recession: Evidence from the 2008 SIPP. *Journal of Poverty*, 20, 194-213. <https://doi.org/10.1080/10875549.2015.1094767>.
- Brown, T. A., Chorpita, B. F., Korotitsch, W., & Barlow, D. H. (1997). Psychometric properties of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) in clinical samples. *Behaviour research and therapy*, 35(1), 79-89. [https://doi.org/10.1016/s0005-7967\(96\)00068-x](https://doi.org/10.1016/s0005-7967(96)00068-x).
- Brüggen, E. C., Hogleve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., & Löfgren, M. (2017). Financial well-being: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228-237. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>.
- Bui, T. H. T., Nguyen, T. N. T., Pham, H. D., Tran, C. T., & Ha, T. H. (2021). The mediating role of self-compassion between proactive coping and perceived stress among students. *Science Progress*, 104(2). <https://doi.org/10.1177/00368504211011872>.
- Bury, S., Wenzel, M., & Woodyatt, L. (2020). Against the odds: Hope as an antecedent of support for climate change action. *The British journal of social psychology*, e12343. <https://doi.org/10.1111/bjso.12343>.
- Bury, S., Wenzel, M., & Woodyatt, L. (2020). Against the odds: Hope as an antecedent of support for climate change action. *The British journal of social psychology*, 59(2), 289-310. <https://doi.org/10.1111/bjso.12343>.
- Catalano, R., Goldman-Mellor, S., Saxton, K., Margerison-Zilko, C., Subbaraman, M., LeWinn, K., & Anderson, E. (2011). The health effects of economic decline. *Annual review of public health*, 32, 431–450. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-031210-101146>.
- Centro de Estudos de Opinião Pública. (2018). *ESEB-2018 ESTUDO ELEITORAL BRASILEIRO*. Disponível em https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/4538.
- Chan, S., Fung, C., & Huang, Q. (2023). Positive Emotions, Hope, and Life Satisfaction in Chinese Older Adults: An Application of Broaden-and-Build Model. *International*

journal of aging & human development, 98(4).

<https://doi.org/10.1177/00914150231207999>.

Chang, E., Chang, O., Li, M., Xi, Z., Liu, Y., Zhang, X., Wang, X., Li, Z., Zhang, M., Zhang, X., & Chen, X. (2019). Positive emotions, hope, and life satisfaction in Chinese adults: a test of the broaden-and-build model in accounting for subjective well-being in Chinese college students. *The Journal of Positive Psychology*, 14(6), 829-835. <https://doi.org/10.1080/17439760.2019.1579358>.

Chen, L., Li, W., He, J., Wu, L., Yan, Z., & Tang, W. (2012). Mental health, duration of unemployment, and coping strategy: a cross-sectional study of unemployed migrant workers in eastern china during the economic crisis. *BMC Public Health* 2012, 12(1), 597. <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/12/597>.

Chierchia, G., Lesemann, F., Snower, D., & Singer, T. (2021). Cooperation across multiple game theoretical paradigms is increased by fear more than anger in selfish individuals. *Scientific Reports*, 11. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-88663-0>.

Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite model of anxiety and depression: Psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology*, 100(3), 31-336. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.100.3.316>.

Cohen, S., Brady, G., Massaro, S., & Kleef, G. (2022). Meh, whatever: The effects of indifference expressions on cooperation in social conflict. *Journal of personality and social psychology*, 123(6), 1336-1361. <https://doi.org/10.1037/pspi0000392>.

Cohn, M., Fredrickson, B., Brown, S., Mikels, J., & Conway, A. (2009). Happiness unpacked: positive emotions increase life satisfaction by building resilience. *Emotion*, 9(3), 361-8. <https://doi.org/10.1037/a0015952>.

Corporación Latinobarómetro. (2020). *Informe Latinobarómetro 2023: La recesión democrática de América Latina*. Disponible em <http://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>.

Cozzolino, P. H. 2011. Trust, cooperation, and equality: A psychological analysis of the formation of social capital. *British Journal of Social Psychology*, 50(2), 302-20. <https://doi.org/10.1348/014466610X519610>.

- Datu, J., & King, R. (2016). Prioritizing positivity optimizes positive emotions and life satisfaction: A three-wave longitudinal study. *Personality and Individual Differences*, 96, 111-114. <https://doi.org/10.1016/J.PAID.2016.02.069>.
- de Rivera, J. (1992). Emotional climate: Social structure and emotional dynamics. In K. T. Strongman (Ed.), *International Review of Studies on Emotion* (pp. 197-218). John Wiley & Sons.
- de Rivera, J., & Páez, D. (2007). Emotional climate, human security, and cultures of peace. *Journal of Social Issues*, 63(2), 233-253. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2007.00506.x>.
- de Sousa, C., Viseu, J., Vinagre, H., Páez, D., & Valentim, O. (2021). What do you think people feel? Emotional climate during a pandemic: Adaptation and validation of a scale. *Psicologia*, 35(2), 95-108. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v35i2.1761>.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13.
- Diener, E., Inglehart, R., & Tay, L. (2013). Theory and validity of life satisfaction scales. *Social Indicators Research*, 112, 497-527. <https://doi.org/10.1007/s11205-012-0076-y>.
- Diestel, S. (2021). Building psychological resources and resilience after failure at work: A self-regulatory perspective on recovery and personality development in the face of setback experiences. In G. Todt, J. Backmann, & M. Weiss (Eds.), *Work life after failure? How employees bounce back, learn, and recover from work-related setbacks* (pp. 21-39). Emerald Publishing. <https://doi.org/10.1108/978-1-83867-519-620211003>.
- Fernández-Dols, J.-M., Carrera, P., de Mendoza, A. H., & Oceja, L. (2007). Emotional climate as emotion accessibility: How countries prime emotions. *Journal of Social Issues*, 63(2), 339–352. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2007.00512.x>.
- Fiksenbaum, L., Marjanovic, Z., Greenglass, E., & Garcia-Santos, F. (2017). Impact of Economic Hardship and Financial Threat on Suicide Ideation and Confusion. *The*

Journal of psychology, 151(5), 477-495.

<https://doi.org/10.1080/00223980.2017.1335686>.

Filho, F. F., & Terra, F. H. B. (2023). THE POLITICAL ECONOMY OF BOLSONARO'S GOVERNMENT (2019-2022) AND LULA DA SILVA'S THIRD TERM (2023-2026). *Investigación Económica*, 82(324), 27-50.

<https://doi.org/10.22201/fe.01851667p.2023.324.84246>.

Fink, M., & Uhan, S. (2021). The COVID-19 epidemic in Slovenia, attitudes towards inequalities and protest potential. *Ars & Humanitas*, 15, 91-108.

<https://doi.org/10.4312/ars.15.1.91-108>.

Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: A theoretical analysis.

Journal of Personality and Social Psychology, 46(4), 839-52.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.839>.

Foong, H. F., Ibrahim, R., Hamid, T. A., Haron, S. A. (2021) Social networks moderate the association between physical fitness and cognitive function among community dwelling older adults: a population-based study. *BMC Geriatr*, 21, 679.

<https://doi.org/10.1186/s12877-021-02617-9>.

Franke, K., Huebner, E., & Hills, K. (2016). Cross-Sectional and Prospective Associations Between Positive Emotions and General Life Satisfaction in Adolescents. *Journal of Happiness Studies*, 18, 1075-1093. <https://doi.org/10.1007/s10902-016-9763-8>.

Gillanders, R. (2016). Corruption and anxiety in Sub-Saharan Africa. *Economics of Governance*, 17(1). <https://doi.org/10.1007/s10101-015-0177-6>.

<https://doi.org/10.1007/s10101-015-0177-6>.

Goldenberg, A., Garcia, D., Halperin, E., & Gross, J. (2020). Collective Emotions. *Current Directions in Psychological Science*, 29(2), 154-160.

<https://doi.org/10.1177/0963721420901574>.

Graeff, F. G. & Hetem, L. A. B. (Eds). (2004). Diagnóstico Diferencial, *Transtornos de Ansiedade* (pp. 191-205). Rio de Janeiro: Atheneu.

- Grainca, B. (2021). Methodological Basis of Unemployment. *International Journal of Social, Political and Economic Research*, 9(1).
<https://doi.org/10.46291/ijospervol9iss1pp163-183>.
- Griessmair, M., & Hippmann, P. (2022). Anger, guilt, and repeated cooperation in social dilemmas. *Emotion*, 22(3), 444-465. <https://doi.org/10.1037/emo0000897>.
- Guan, N., Guariglia, A., Moore, P., Xu, F., & Al-Janabi, H. (2022). Financial stress and depression in adults: A systematic review. *PLoS ONE*, 17.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0264041>.
- Hadi, S., & Hamdi, E. (2023). The Impact of Influence Aspects of Work and Organizational Commitment on Employee Life Satisfaction. *Cakrawala Repositori IMWI*, 6(3).
<https://doi.org/10.52851/cakrawala.v6i3.334>.
- Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis*. Prentice Hall.
- Hartwich, L., Radke, H., Kutlaca, M., & Becker, J. (2022). The Injustice–Efficacy Tradeoff: Counteracting Indirect Effects of Goal Proximity on Collective Action. *Social Psychological and Personality Science*, 14(2), 173-184.
<https://doi.org/10.1177/19485506221093108>.
- Hernández, G. R., Lugo, S. J., Calderón, K. C., & Pérez, A. F. (2015). Propiedades psicotécnicas de la Escala de Clima Emocional en habitantes del Estado de México. *Rev Mex Invest Psic*, 7(1), 32-40. <https://medigraphic.com/pdfs/revmexinvpsi/mip-2015/mip151c.pdf>.
- Hogan, M. J. (2020). Collaborative positive psychology: solidarity, meaning, resilience, wellbeing, and virtue in a time of crisis. *International Review of Psychiatry*, 32(7–8), 698-712. <https://doi.org/10.1080/09540261.2020.1778647>.
- Human Rights Watch (s.d.). *Brazil Events of 2023*. <https://www.hrw.org/world-report/2023/country-chapters/brazil-0>.

- Hwang, T. J., Rabheru, K., Peisah, C., Reichman, W., & Ikeda, M. (2020). Loneliness and social isolation during the COVID-19 pandemic. *International psychogeriatrics*, 32(10), 1217-1220. <https://doi.org/10.1017/S1041610220000988>.
- Jeong, S., & Korsgaard, M. (2021). Individual-and group-level consequences of divergence in perceived group affect. *Human Relations*, 75(12), 2218-2245. <https://doi.org/10.1177/00187267211038521>.
- Jesus, N. S., Leal, R., Viseu, J., Valle, P., Matavelli, R., Pereira, J., & Greenglass, E. (2016). Coping as a moderator of the influence of economic stressors on psychological health. *Análise Psicológica*, 34(4), 365-376. <https://doi.org/1014417/ap.1122>.
- Kesner, L., & Horáček, J. (2022). Global Adversities, the Media, and Mental Health. *Frontiers in Psychiatry*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.809239>.
- Khodabakhsh, S. (2022). Factors Affecting Life Satisfaction of Older Adults in Asia: A Systematic Review. *Journal of Happiness Studies*, 23(3), 1289-1304. <https://doi.org/10.1007/S10902-021-00433-X>.
- Krys, K., Yeung, J. C., Capaldi, C. A., Lun, V. M. C., Torres, C., van Tilburg, W. A. P., Bond, M. H., Zelensky, J. M., Haas, B. W., Park, J., Maricchiolo, F., Vaunclair, C-H., Kosiarczyk, A., Kocimska-Zych, A., Kwiatkowska, A., Adamovic, M., Pavlopoulos, V., Fülöpo, M., Sirlopu, D., ... Vignoles, V. L. (2021). Societal emotional environments and cross-cultural differences in life satisfaction: A forty-nine country study. *The Journal of Positive Psychology*, 17(1), 117-130. <https://doi.org/10.1080/17439760.2020.1858332>.
- Lalot, F., Marinthe, G., Kasper, A., & Abrams, D. (2023). Mobilising ideas in the COVID-19 pandemic: Anti-lockdown actions and the Identity-Deprivation-Efficacy-Action-Subjective well-being model. *Journal of Social and Political Psychology*, 11(1). <https://doi.org/10.5964/jspp.8351>.
- Lazarus R. S., Folkman S. (1984). *Stress, Appraisal and Coping*. New York: Springer.
- Lee, J., Lim, S., & Lee, D. (2022). Sharing joy increases joy: Group membership modulates emotional perception of facial expressions. *Emotion*, 22(1), 153-166. <https://doi.org/10.1037/emo0001057>.

- Lee, Y., & Lee, I. (2020). A Longitudinal Network Analysis of Intergovernmental Collaboration for Local Economic Development. *Urban Affairs Review*, 58(1). <https://doi.org/10.1177/1078087420949936>.
- Lileikienė, A., & Martinkienė, J. (2023). SOME CHALLENGES TO FINANCIAL STABILITY DURING THE ECONOMIC DOWNTURN. *Journal of Management*, 2(39), 9-14. <https://doi.org/10.38104/vadyba.2023.2.01>.
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995a). The structure of negative emotional states: comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour research and therapy*, 33(3), 335-343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-).
- Lovibond, S. H., & Lovibond, P. F. (1995b). *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales* (2.^a ed.). Sydney: Psychology Foundation of Australia.
- Lu, C., Jiang, Y., Zhao, X., & Fang, P. (2020). Will Helping Others Also Benefit You? Chinese Adolescents' Altruistic Personality Traits and Life Satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, 21, 1407-1425. <https://doi.org/10.1007/S10902-019-00134-6>.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience-a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543-562. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00164>.
- Mabkhot, H., & Al-Wesabi, H. (2022). Banks' Financial Stability and Macroeconomic Key Factors in GCC Countries. *Sustainability*, 14(23), 15999. <https://doi.org/10.3390/su142315999>.
- Mamun, M., Akter, S., Hossain, I., Faisal, M., Rahman, M., Arefin, A., Khan, I., Hossain, L., Haque, M., Hossain, S., Hossain, M., Sikder, T., Kircaburun, K., & Griffiths, M. (2020). Financial threat, hardship and distress predict depression, anxiety and stress among the unemployed youths: A Bangladeshi multi-city study. *Journal of affective disorders*, 276, 1149-1158. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.06.075>.
- Marjanovic, Z., Greenglass, E. R., & Fiksenbaum, L., & Bell, C. M. (2013). Psychometric evaluation of the Financial Threat Scale (FTS) in the context of the great recession.

- Journal of Economic Psychology*, 36, 1-10.
<https://doi.org/10.1016/j.joep.2013.02.005>.
- Marjanovic, Z., Greenglass, E. R., Fiksenbaum, L., Witte, H. D., Santos, F. G., Buchwald, P., Peiró, J. M., Mañas, M. A. (2015). Evaluation of the Financial Threat Scale (FTS) in four european, non-student samples. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 55, 72-80. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2014.12.001>.
- Marôco, J. (2021). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (8.^a ed.). ReportNumber.
- Martín-Carrasco, M., Evans-Lacko, S., Evans-Lacko, S., Dom, G., Christodoulou, N., Samochowiec, J., González-Fraile, E., Bieńkowski, P., Gómez-Beneyto, M., Santos, M., & Wasserman, D. (2016). EPA guidance on mental health and economic crises in Europe. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 266(2), 89-124. <https://doi.org/10.1007/s00406-016-0681-x>.
- Masiero, M., Mazzocco, K., Harnois, C., Cropley, M., & Pravettoni, G. (2020). From Individual To Social Trauma: Sources Of Everyday Trauma In Italy, The US And UK During The Covid-19 Pandemic. *Journal of Trauma & Dissociation*, 21(5), 513-519. <https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1787296>.
- McEwen, B., & Akil, H. (2020). Revisiting the Stress Concept: Implications for Affective Disorders. *The Journal of Neuroscience*, 40(1), 12-21. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.0733-19.2019>.
- Meireles, L. M. (2018). *Coping Resiliente, Autoestima e Afetos na Aduldez e Velhice*. [Dissertação de mestrado, FCSH - DPE - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/5789>.
- Moisés, J. A. (2010). Political corruption and democracy in contemporary Brazil. *Revista Latinoamericana De Opinión Pública*, 105-125. <https://revistas.usal.es/cuatro/index.php/1852-9003/article/view/32124>.
- Mucci, N., Giorgi, G., Roncaioli, M., Pérez, J., & Arcangeli, G. (2016). The correlation between stress and economic crisis: a systematic review. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 12, 983-993. <https://doi.org/10.2147/NDT.S98525>.

- Muntean, L., Nireştean, A., Popa, C., Strete, E., Ghiga, D., Sima-Comănicu, A., & Lukács, E. (2022). The Relationship between Emotional Stability, Psychological Well-Being and Life Satisfaction of Romanian Medical Doctors during COVID-19 Period: A Cross-Sectional Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19. <https://doi.org/10.3390/ijerph19052937>.
- Nguyen, Y., & Noussair, C. (2022). Incidental Emotions and Cooperation in a Public Goods Game. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.800701>.
- Norvilitis, J. M., Szablicki, P. B., & Wilson, S. D. (2003). Factors influencing levels of credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 33(5), 935-947. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2003.tb01932.x>.
- Nunney, S., Schalk, J., & Manstead, A. (2022). Emotion and intergroup cooperation: How verbal expressions of guilt, shame, and pride influence behavior in a social dilemma. *Journal of Behavioral Decision Making*, 35(4), e2273. <https://doi.org/10.1002/bdm.2273>.
- Padmanabhanunni, A., Pretorius, T. B., & Isaacs, S. A. (2023). Satisfied with Life? The Protective Function of Life Satisfaction in the Relationship between Perceived Stress and Negative Mental Health Outcomes. *International journal of environmental research and public health*, 20(18), 6777. <https://doi.org/10.3390/ijerph20186777>.
- Páez, D., Espinosa, A., & Bobowik, M. (2013). Emotional climate: How is it shaped, fostered, and changed? In D. Hermans, B. Rimé & B. Mesquita (Eds.), *Changing Emotions* (pp. 113-119). London: PsychologyPress.
- Páez, D., Martín Beristain, C., González, J. L., Basabe, N. & de Rivera, J. (Eds.). (2011). *SUPERANDO LA VIOLENCIA COLECTIVA Y CONSTRUYENDO CULTURA DE PAZ*. Editorial Fundamentos.
- Páez, D., Ruiz, J. I., Gailly, O., Kornblit, A. L., & Wiesenfeld, E. (1997). Clima emocional: Su concepto y medicion mediante una investigacion transcultural. *Revista de Psicologia Social*, 12(1), 79-98. <https://doi.org/10.1174/021347497320892045>.

- Pais-Ribeiro, J. L., & Morais, R. (2010). Adaptação portuguesa da escala breve de coping resiliente. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(1), 5-13.
<http://hdl.handle.net/10400.12/1096>.
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(2), 229-239.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36250207>.
- Pakpour, A. H., & Griffiths, M. D. (2020). The fear of COVID-19 and its role in preventive behaviors. *Journal of Concurrent Disorders*, 2(1), 58-63. ISSN 2562-7546.
<https://doi.org/10.54127/WCIC8036>.
- Pfefferbaum, B., & North, C. S. (2020). Mental Health and the Covid-19 Pandemic. *The New England Journal of Medicine*, 383(6), 510-512.
<https://doi.org/10.1056/NEJMp2008017>.
- Power, S., Madsen, T., & Morton, T. (2020). Relative deprivation and revolt: current and future directions. *Current opinion in psychology*, 35, 119-124.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.06.010>.
- Rajani, N., Giannakopoulos, G., & Filippidis, F. (2016). Job insecurity, financial difficulties and mental health in Europe. *Occupational medicine (Oxford, England)*, 66(8), 681-683. <https://doi.org/10.1093/occmed/kqw111>.
- Reis., E. P., & Lopez, F. G. (2024). SOCIAL TRUST, INEQUALITY, AND STATE INSTITUTIONS IN BRAZIL. *Sociol. Antropol.* 14(1), 1-32.
<https://doi.org/10.1590/2238-38752024V1419>.
- Richardson, G.E., (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 307-321. <https://doi.org/10.1002/jclp.10020>.
- Rothstein, B. (2017). Solidarity, Diversity, and the Quality of Government. In K. Banting & W. Kymlicka (Eds.). *The Strains of Commitment: The Political Sources of Solidarity in Diverse Societies* (pp. 300-326). New York: Oxford University Press.

- Rothstein, B. (2018, 1 de novembro). *How the Trust Trap Perpetuates Inequality*. *American Scientific Review*. Scientific American.
<https://www.scientificamerican.com/article/how-the-trust-trap-perpetuates-inequality/>.
- Rothstein, B., & Teorell, J. (2008). What Is Quality of Government? A Theory of Impartial Government Institutions. *Governance*, 21(2), 165-90. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0491.2008.00391.x>.
- Saad-Filho, A., & Boffo, M. (2021) The corruption of democracy: Corruption scandals, class alliances, and political authoritarianism in Brazil. *Geoforum*, 300-309.
<https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2020.02.003>.
- Schunk, D., & DiBenedetto, M. (2020). Motivation and social cognitive theory. *Contemporary Educational Psychology*, 60, 101832.
<https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2019.101832>.
- Silva, R. (2018). *Coping resiliente, ansiedade, depressão e stress em polícias* [Dissertação de mestrado, FPCEUP - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação].
Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/116823>.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 26, 503-515.
- Sinclair, V. G., & Wallston, K. A. (2004). The development and psychometric evaluation of brief resilient coping scale. *Assessment*, 11(1), 94-101.
<https://doi.org/10.1177/1073191103258144>.
- Smilansky, S. (2021). A SHORT ARGUMENT FOR BELIEF IN PROGRESS. *Think*, 21(60), 51-56. <https://doi.org/10.1017/S1477175621000324>.
- Sood, S. (2020). Psychological effects of the Coronavirus disease-2019 pandemic. *Research and Humanities in Medical Education*, 7, 23-26.
<https://www.rhime.in/ojs/index.php/rhime/article/view/264>.
- Stacciarini, J. H. R., & Santos, J. S. (2024). A produção social da fome e o caso brasileiro. *Revista Terceiro Incluído*, 14(1), e14105. <https://doi.org/10.5216/teri.v14i1.79400>.

- Stein C. H., Hoffmann, E., Bonar, E. E., Leith, J. E., Abraham, K. M., Hamill, A. C, Kraus, S. W., Gumber, S., Fogo, W. R. (2013). The United States economic crisis: Young adults' reports of economic pressures, financial and religious coping and psychological well-being. *Journal of Family and Economic Issues*, 34(2). 200-210.
<https://doi.org/10.1007/s10834-012-9328-x>.
- Steinert, S. (2020). Corona and value change. The role of social media and emotional contagion. *Ethics and Information Technology*, 23, 59-68.
<https://doi.org/10.1007/s10676-020-09545-z>.
- Steinert, S. (2020). Corona and value change. The role of social media and emotional contagion. *Ethics and Information Technology*, 23, 59-68.
<https://doi.org/10.1007/s10676-020-09545-z>.
- Tanaka, M. (2021). Individual perceptions of group work environment, motivation, and achievement. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 60(4), 1201-1225. <https://doi.org/10.1515/iral-2020.0183>.
- Teixeira, M. A. C. (2020). Dilemmas about public policies and democracy in Brazil. *Revista de Administração Pública*, 54(5). <https://doi.org/10.1590/0034-761252020x>.
- van Deurzen, I. (2017). And justice for all: Examining corruption as a contextual source of mental illness. *Social Science & Medicine*, 173, 26-34.
<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2016.11.033>.
- van Winden, F. (2015). Political economy with affect: On the role of emotions and relationships in political economics. *European Journal of Political Economy*, 40(Part B), 298-311. <https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2015.05.005>.
- Verbalyte, M., Bonansinga, D., & Exadaktylos, T. (2022). When emotions run high: affective responses to crises in Europe. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 35(1), 1-13. <https://doi.org/10.1080/13511610.2022.2040832>.
- Vignola, R. C. B. (2013). *Escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS): Adaptação e validação para o português do Brasil* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Santos.

- Viseu, J. N. R., de Jesus, S. N., Leal, A. R. C., Pinto, P. S. L. G., Ayala-Nunes, L., & Matavelli, R. D. (2019). Coping and social support as moderators: Relationship between financial threat and negative psychological outcomes. *Current Psychology*, 40(5), 2229–2241. <http://dx.doi.org/10.1007/s12144-019-0157-z>.
- Viseu, J. N. R., de Jesus, S. N., Leal, R., Valle, P., Santo, J., Matavelli, R., & Greenglass E. (2015). THE ECONOMIC RECESSION AND MENTAL HEALTH: ANALYSIS OF THE PORTUGUESE SITUATION. *Psicologia Saúde & Doenças* 16(2), 174-186. <http://dx.doi.org/10.15309/15psd160204>.
- Viseu, J., Leal, R., de Jesus, S. N., Pinto, P., Pechorro, P., & Greenglass, E. (2018). Relationship between economic stress factors and stress, anxiety, and depression: Moderating role of social support. *Psychiatry Research*, 268, 102-107. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2018.07.008>.
- Watson, D., Clark, L., Weber, K., Assenheimer, J., Staruss, M. & McCormick, R. (1995a). Testing a tripartite model: II. Exploring the symptom structure of anxiety and depression in student, adult, and patient samples. *Journal of Abnormal Psychology*, 104(1), 15-25. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.104.1.15>.
- Watson, D., Weber, K., Assenheimer, J., Clark, L., Staruss, M. & McCormick, R. (1995b). Testing a tripartite model: I. Evaluating the convergent and discriminant validity of anxiety and depression symptom scales. *Journal of Abnormal Psychology*, 104(1), 3-14. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.104.1.3>.
- Weinstein, N., & Stone, D. (2018). Need Depriving Effects of Financial Insecurity: Implications for Well-Being and Financial Behaviors. *Journal of experimental psychology. General*, 147(10), 1503-1520. <https://doi.org/10.1037/xge0000436>.
- Wilson, J., Lee, J., Fitzgerald, H., Oosterhoff, B., Sevi, B., & Shook, N. (2020). Job Insecurity and Financial Concern during the COVID-19 Pandemic are Associated with Worse Mental Health. *Journal of occupational and environmental medicine*, 62(9), 686–691. <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000001962>.
- Witkower, Z., Mercadante, E., & Tracy, J. (2020). How affect shapes status: distinct emotional experiences and expressions facilitate social hierarchy navigation. *Current opinion in psychology*, 33, 18-22. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2019.06.006>.

- Witt, U., & Schwesinger, G. (2013). Phylogenetic footprints in organizational behavior. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 90, S33-S44.
<https://doi.org/10.1016/j.jebo.2012.12.011>.
- Wunderlich, P., Nguyen, C., & Scheve, C. (2022). Angry populists or concerned citizens? How linguistic emotion ascriptions shape affective, cognitive, and behavioural responses to political outgroups. *Cognition and Emotion*, 37(1), 147-161.
<https://doi.org/10.1080/02699931.2022.2152430>.
- Zabriskie, R. B., & Ward, P. J. (2013). Satisfaction with family life scale. *Marriage & Family Review*, 49(5), 446-463. <http://dx.doi.org/10.1080/01494929.2013.768321>.
- Zega, Y., Sandy, A., Andrian, A., Jessyka, J., Astuti, E., & Oktaviani, D. (2023). Analysis of Government Policy Regarding the Threat of Unemployment After the Increase in Inflation. *International Journal of Social Health*, 2(3).
<https://doi.org/10.58860/ijsh.v2i3.30>.
- Zhang, Y. (2022). The Relationship Between Corruption Perception and Depression: A Multiple Mediation Model. *Psychol Res Behav Manag*, 15(1), 1943-1954.
<https://doi.org/10.2147/PRBM.S370045>.
- Zhu, Y., Chen, X., Zhao, H., Chen, M., Tian, Y., Liu, C., Han, Z., Lin, X., Qiu, J., Xue, G., Shu, H., & Qin, S. (2019). Socioeconomic status disparities affect children's anxiety and stress-sensitive cortisol awakening response through parental anxiety. *Psychoneuroendocrinology*, 103, 96-103.
<https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2019.01.008>.
- Zubieta, E. M., Delfino, G. I., & Fernández, O. D. (2008). Social-Emotional Climate, Institutional Confidence and Perception of Social Problems. A Study with Argentinean Urban College Students. *PSYKHE*, 17(1), 5-16. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22282008000100002>.

ANEXOS

Consentimento Informado

PREDITORES PSICOSSOCIAIS DA PERCEÇÃO DO CLIMA SOCIO-EMOCIONAL

O contexto sociopolítico brasileiro, caracterizado por corrupção, crises e desigualdade, provoca diversas reações emocionais, tanto na sociedade quanto nos indivíduos. Estas emoções podem impactar a nossa vida pessoal e social.

Com o objetivo de compreender estas relações, foi elaborado o presente questionário por uma equipa de estudo do ISEIT Almada (IPiaget), da Escola Superior de Criciúma (ESUCRI), em colaboração com outras instituições (ESSATLA/Atlântica).

A participação neste estudo é voluntária, não existindo quaisquer benefícios monetários ou semelhantes associados à resposta. Não existem quaisquer riscos associados ao preenchimento deste questionário e as suas respostas ajudarão no conhecimento dos processos emocionais durante períodos adversos e na criação de intervenções destinadas a manter a população saudável.

Garante-se a total confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. As respostas só servirão para os fins desta investigação e só a equipa envolvida terá acesso às mesmas. Pode interromper a sua participação a qualquer momento.

Não existem respostas certas ou erradas. Cada pessoa tem a sua opinião sobre os tópicos apresentados.

Leia cuidadosamente cada instrução e afirmação antes do preenchimento. Por favor, faculte a sua opinião honesta. Tente responder a todas as afirmações/questões.

Agradecemos a sua participação neste estudo!

Protocolo do Questionário

O preenchimento deste questionário tem a duração de 15 minutos.

1. Aceito participar no estudo

Sim

2. É a primeira vez que se encontra a responder a este questionário

Sim

Não

SECÇÃO A

Caracterização Sociodemográfica

3. Sexo

Masculino

Feminino

4. Idade (anos)

5. Estado civil

União estável

Separado(a) ou divorciado(a)

Solteiro(a)

Viúvo(a)

6. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?

7. Tem dependentes à sua responsabilidade?

Sim

Não

8. Quantos?

9. Qual é a sua nacionalidade?

10. Qual o país onde reside atualmente?

11. Qual o Estado onde reside?

12. Qual a cidade onde reside?

13. Qual é a sua escolaridade?

- Sem escolaridade Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo Especialização (pós-graduação)
 Mestrado Doutorado

14. Qual é a sua situação de trabalho?

- Autónimo
 Empregado (efetivado)
 Empregado (Contrato de experiência)
 Aposentado
 Desempregado
 Estudante

15. No caso de trabalhar, por favor especifique.

- Trabalho a meio período
 Trabalho em período integral

16. Qual é a sua profissão atual?

SECÇÃO B

Nesta secção, serão apresentados alguns questionários que se referem à situação afetiva geral e social do país, ao seu bem-estar e forma como lida com situações difíceis, e como se sente em relação à sua situação financeira.

I-Clima socio-emocional - Por favor, avalie a **situação atual do país** nas diferentes dimensões.

	Nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Muito
1. A situação económica é muito boa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. O clima ou ambiente geral afetivo do País é muito bom.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O ambiente ou clima social é de:					
Esperança, esperançoso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Solidário, de ajuda mútua	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Confiança nas instituições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Medo, ansiedade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Muito
Raiva, hostilidade, agressividade entre as pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tristeza, passividade, baixo estado de ânimo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alegria, confiança, contentamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tranquilidade para falar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

II-DASS-21. Para cada uma das seguintes afirmações, assinale a opção que **melhor se aplicou no último mês**. Não existem respostas certas ou erradas.

	Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte do tempo
1. Tive dificuldades em acalmar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Estava consciente de que minha boca estava seca.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Parecia não conseguir ter nenhum sentimento positivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Senti dificuldades em respirar (ex., respiração excessivamente rápida, falta de ar, na ausência de esforço físico).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Tive a tendência de reagir de forma exagerada às situações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Senti tremores (ex., nas mãos).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Senti que estava geralmente muito nervoso (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupei-me com situações em que eu pudesse entrar em pânico e parecesse ridículo (a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Senti que estava agitado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Senti dificuldade em relaxar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Senti-me desanimado(a) e deprimido(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fui intolerante com as coisas que me impediam de continuar o que eu estava fazendo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Senti que ia entrar em pânico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte do tempo
16. Não consegui me entusiasmar com nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Senti que não tinha muito valor como pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Senti que estava sensível.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu estava consciente do funcionamento/batimento do meu coração na ausência de esforço físico (ex., sensação de aumento da frequência cardíaca, disritmia cardíaca).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Senti-me assustado(a) sem ter uma boa razão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Senti que a vida estava sem sentido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

III- SWLS. As perguntas incluídas nesta escala referem-se ao seu grau de **satisfação com a vida em geral**. Em cada caso, por favor indique com uma cruz com que frequência se sente ou pensa de uma certa maneira.

	Nada	Algumas vezes	Regularmente	Bastantes vezes	Sempre
1. A minha vida está próxima do meu ideal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As minhas condições de vida são excelentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu estou satisfeito com a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Até agora, eu tenho conseguido as coisas mais importantes que eu quero na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se eu pudesse viver a minha vida de novo, não mudaria quase nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

IV-EBCR. Sobre as afirmações abaixo, assinale a alternativa que melhor representa seu comportamento na situação de pandemia.

	Quase Nunca	Ocasionalmente	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase Sempre
1. Uso a criatividade para superar problemas e/ou situações difíceis.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Quase Nunca	Ocasionalmente	Muitas vezes	Com muita frequência	Quase Sempre
2.Me sinto capaz de controlar minhas reações, não importa o que aconteça;	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.Acredito que lidando com situações difíceis eu posso crescer positivamente;	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Procuo ativamente formas de superar as perdas que sofro na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

V-FTS (ZMD). Por favor indique como se sente relativamente à sua situação financeira, através das respostas às seguintes questões.

	Nada	Pouco	Moderadamente	Bastante	Muitíssimo
1.Quão inseguro (a) se sente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.Quão em risco se sente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.Quão ameaçado(a) se sente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Quanto se preocupa com isso?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.Quanto pensa nisso?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

VI-FWBS. Por favor, classifique as seguintes frases, através da seleção da opção que melhor descreve os seus sentimentos sobre cada uma.

	Discordo fortemente	Discordo	Não discordo, nem concordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Sinto-me desconfortável com a quantidade de dividas que possuo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.Estou preocupado (a) com o pagamento dos meus empréstimos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.Estou preocupado(a) com o pagamento dos meus cartões de crédito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Penso que tenho uma boa condição financeira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Penso bastante sobre as dívidas que possuo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Tenho discussões com outras pessoas (familiares, amigos, e outras pessoas significativas) sobre o meu nível de gastos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Daqui a 5 anos não terei dívidas com os meus cartões de crédito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Daqui a um ano, não terei dívidas com os meus cartões de crédito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Muito obrigado pela colaboração!

Coordenação de equipa de investigação

Cristina de Sousa

Contactos:

csousa@almada.ipiaget.pt

radjonrodrigues@gmail.com